

**NÚCLEO HISTÓRICO E ARQUITETÔNICO
DAS RUAS HALFELD E MARECHAL
DEODORO (PARTE BAIXA)**

Nota Prévia de Pesquisa

**Patrícia Falco Genovez
Maria Julieta Nunes de Souza
Mônica C. Henriques Leite
Paulo Gawryszewski
Raquel de Oliveira Fraga**

**JUIZ DE FORA - MG
CLIO EDIÇÕES ELETRÔNICAS**

1998

FICHA CATALOGRÁFICA

GENOVEZ, Patrícia Falco, SOUZA, Maria Julieta Nunes de, LEITE, Mônica C. Henriques, GAWRYSZEWSKI, Paulo, FRAGA, Raquel de Oliveira. **Núcleo Histórico e Arquitetônico das ruas Halfeld e Marechal Deodoro - Parte Baixa.** Nota prévia de pesquisa. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 1998. 78 p. (História e Arquitetura de Juiz de Fora, 3)
<http://www.ufjf.br/~clionet/bvhbr>

1. História de Juiz de Fora
2. História Urbana
3. Patrimônio Histórico

Clioedel

- Clio Edições Eletrônicas -

Projeto virtual do Arquivo Histórico da UFJF

E-mail: clionet@cpd.ufjf.br

<http://www.ufjf.br/~clionet/clioedel/bvhbr>

Endereço para correspondência:

Arquivo Histórico da UFJF

Prédio do CDDC - Campus Universitário

Juiz de Fora - MG - Brasil

CEP: 36036-330

Fone: (032) 229-3750

Fax: (032) 231-1342

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Reitora: Profa. Dra. Maria Margarida Martins Salomão

Vice-Reitor: Prof. Paulo Ferreira Pinto

Pró-Reitor de Pesquisa: Prof. Dr. Murilo Goles de Oliveira

Diretor da Editora: Prof. Galba Ribeiro Di Mambro

SUMÁRIO

Apresentação	03
1. Aspectos Históricos	13
2. Aspectos Arquitetônicos	
2.1 Introdução	32
2.2 Rua Halfeld	
Halfeld, 300/304	35
Halfeld, 310/316/320	37
Halfeld, 322/324	38
Halfeld, 332	40
Halfeld, 337/343	43
Halfeld, 342	44
Halfeld, 360/368	47
Halfeld, 365/369	49
Halfeld, 450	50
Halfeld, 533	51
Halfeld, 559	53
Halfeld, 580	57

2.3 Rua Marechal Deodoro	
Marechal Deodoro, 31	59
Marechal Deodoro, 80/92	61
Marechal Deodoro, 102/104/108	63
Marechal Deodoro, 118	65
Marechal Deodoro, 120/128	67
Marechal Deodoro, 194/202	69
Marechal Deodoro, 250	70
Marechal Deodoro, 252/254	71
Marechal Deodoro, 260	73
Marechal Deodoro, 268	75
Marechal Deodoro, 275	77
Fontes	79

APRESENTAÇÃO

O texto histórico elaborado por **Patrícia Falco Genovez** para o trabalho *Núcleo Histórico e Arquitetônico das ruas Halfeld e Marechal Deodoro (Parte Baixa)*, terceiro volume da Coleção História e Arquitetura de Juiz de Fora, foi o resultado do trabalho de pesquisa desenvolvido por uma equipe composta pela professora Mestre **Leda Maria de Oliveira**, responsável pela parte referente à História Oral; pela consultora em História da Arte, professora Mestre **Maraliz de Castro Vieira Christo**, do Departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e por duas estagiárias do Curso de História da UFJF, **Daniella Pires de Freitas** e **Raquel Pereira Francisco**.

Uma outra equipe, de arquitetos e urbanistas, complementa o trabalho realizado: **Raquel de Oliveira Fraga**, arquiteta; **Mônica C. Henriques Leite**, estagiária; Professora Mestre **Maria Julieta Nunes de Souza**, consultora na área de arquitetura e urbanismo, do Departamento de Arquitetura da UFJF; e dois consultores externos: Professor Mestre **Antônio Pedro de Alcântara** e Professora Doutora **Dora Monteiro de Alcântara**. Um funcionário do Instituto de Pesquisa e Planejamento (IPPLAN), o arquiteto **Paulo Gawryszewski**, complementa a assessoria por parte da Prefeitura.

A pesquisa integra o projeto *Cidade Humana* da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora (IPPLAN) em parceria com a UFJF. Este projeto tem, entre outros objetivos, o tombamento de, aproximadamente, 170 imóveis. A Fundação Centro Tecnológico (FCT) da UFJF é a responsável pelo gerenciamento financeiro deste

projeto, resguardando os direitos dos pesquisadores envolvidos. Os coordenadores são, por parte da Prefeitura, o Diretor de Planejamento do IPPLAN **Álvaro Henriques Giannini** e, por parte da UFJF, o Diretor da Faculdade de Engenharia, na ocasião o Professor **Júlio César da Silva Portela**.

É de fundamental importância esclarecer que as construções abordadas na presente obra fazem parte de um inventário produzido pela empresa *Século XXX*. Para cada um dos imóveis relacionados no inventário, abriu-se um processo, contendo justificativas históricas e arquitetônicas elaboradas com o intuito de instruí-lo. Posteriormente, os processos são encaminhados à Comissão Permanente Técnico-Cultural (CPTC) que emite, ao Prefeito, o parecer sobre o tombamento ou não do imóvel.

Tendo em vista o prazo de razoabilidade estabelecido pelo Departamento Jurídico da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, as equipes, de Arquitetura e História, tiveram quatro meses para finalização das justificativas. Tal realidade de trabalho nos forçou a estabelecer uma metodologia: os imóveis em processo de tombamento foram, portanto, divididos em grupos cujas características históricas apresentam um fio condutor direcionado por aspectos culturais, sociais e geográficos.

Assim, a parte das justificativas elaboradas pela Equipe de História para os processos acompanha o desenvolvimento histórico da cidade de Juiz de Fora de forma cartográfica. Ou seja, a partir de um mapa, foram identificados grupos de edificações que apresentam características históricas específicas e os vários diálogos com o todo já configurado na cidade.

Essa metodologia, além de facilitar o trabalho das equipes e da própria Comissão que relata os processos, é fundamental para que os imóveis não sejam avaliados de forma isolada, o que diminui drasticamente seu valor histórico. Sem a visão de conjunto e do contexto no qual o imóvel encontra-se inserido, é quase impossível reconhecer seu valor enquanto repositório da história do local onde foi edificado e do próprio município. Fatores extremamente importantes para a definição da identidade dos cidadãos de nossa cidade.

Uma identidade capaz de nos conferir a cidadania enquanto juizforanos e, num plano mais amplo, enquanto brasileiros. Cidadania da qual a CPTC, juntamente com o Prefeito, se tornaram guardiães. De suas decisões de tombamento ou não, depende a formação de nossa identidade e, por conseguinte, de nossa cidadania. As edificações em processo de tombamento são documentos

que testemunham a nossa história. Documentos que não estão guardados em museus ou bibliotecas, estão em nossas ruas à vista daqueles que aqui moram e dos que nos visitam.

Em virtude do tempo reduzido para a elaboração das justificativas acordou-se com o IPPLAN que não seriam feitas as justificativas de prédios públicos e eclesiásticos, assim como das fazendas que circundam o município. O trabalho, portanto, voltou-se para as edificações privadas, localizadas no centro urbano, ficando os demais prédios para um trabalho posterior. Durante o tempo determinado para realização do trabalho, foram feitas algumas exceções, dada a urgência jurídica de alguns processos. Por isso, alguns deles tiveram que ser trabalhados fora do conjunto no qual estavam inseridos, como por exemplo, a Vila Spinelli (rua Espírito Santo), o armazém do Senhor Manoel Ferreira (avenida Rio Branco) e uma casa na rua

Bernardo Mascarenhas. Todos esses imóveis integrarão, na forma de anexo, o texto referente ao conjunto no qual cada um se encaixa. Quanto aos demais, estabeleceu-se os seguintes grupos a serem trabalhados e que foram entregues à Divisão de Patrimônio Arquitetônico e Cultural (DIPAC), nas datas respectivas:

- 1) Praça da Estação (12/04/1998);
- 2) Ruas Marechal Deodoro e Halfeld, parte baixa (01/05/1998);
- 3) Ruas Marechal Deodoro e Halfeld, parte alta (19/05/1998);
- 4) Rua Batista de Oliveira (parte central) e avenida Getúlio Vargas (10/06/1998);
- 5) Bairro Granbery, compreendendo as ruas Antônio Dias, Batista de Oliveira (depois da avenida Independência), Sampaio e Barão de Santa Helena (14/07/1998);

6) Rua Espírito Santo (14/07/1998);

7) Alto dos Passos: avenida Barão do Rio Branco, ruas Moraes e Castro e Osvaldo Aranha (17/08/1998);

8) Avenida Barão do Rio Branco a partir do Parque Halfeld até o Largo do Riachuelo (17/08/1998);

9) Rua Bernardo Mascarenhas, avenida dos Andradas e bairro Mariano Procópio (17/08/1998).

Ressaltamos, ainda, que o conhecimento produzido (as justificativas históricas e arquitetônicas) a partir desse esforço de pesquisa será, posteriormente, reavaliado e, até mesmo, complementado tendo em vista os dados obtidos após sua formulação. Ele integrará a Coleção *História e Arquitetura de Juiz de Fora*, lançada com o intuito de incentivar novas pesquisas, uma vez que levanta pontos e lacunas importantes da história da cidade de Juiz de Fora, do final do século XIX até metade do século XX. Além disso, levanta questões pertinentes em relação à história

arquitetônica da cidade. Pode-se, a partir desse trabalho, pensar tais imóveis num outro recorte com uma perspectiva voltada, por exemplo, para a evolução arquitetônica dos prédios em processo de tombamento. Enfim, muitas alternativas se abrem para futuras pesquisas seja na área de história, seja na área de arquitetura ou mesmo de um diálogo frutífero entre ambas.

Chamamos a atenção para o fato de que os textos serão publicados como notas prévias de pesquisa, tendo em vista que os mesmos não apresentam qualquer alteração em relação ao conhecimento produzido e entregue à DIPAC (órgão competente da Prefeitura responsável pelos processos de tombamento). Houve apenas uma edição mudando o *layout*: duas colunas e formato paisagem. Além disso, em cada processo de tombamento, montado pela DIPAC, segue, além do texto referente aos aspectos históricos, a descrição pontual do

respectivo imóvel. Nesta publicação, as várias descrições arquitetônicas aparecem reunidas. No tocante à parte arquitetônica, os textos básicos desenvolvidos pelas professoras Maraliz de C. Vieira Christo e Maria Julieta Nunes de Souza, colocados na forma de anexo nos processos entregues à DIPAC, foram publicados à parte.

Finalmente, cabe-nos realçar as várias pessoas e instituições que contribuíram para esta pesquisa, recebendo a equipe de história com distinção, profissionalismo e simpatia. Nosso agradecimento também se estende a todos que, gentilmente, contribuíram através de seus relatos e depoimentos. Aceitando o risco de esquecer de algum colaborador, gostaríamos de citar cada uma das instituições e pessoas que tanto colaboraram para este trabalho:

- ao ARQUIVO HISTÓRICO DA UFJF na pessoa do seu diretor Professor Mestre Galba Ribeiro Di Mambro e da funcionária e historiadora Carla Suely Campos;

- ao ARQUIVO HISTÓRICO DA PREFEITURA MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA na pessoa do seu diretor Antônio Henrique Lacerda e pela colaboração de seus funcionários e historiadores: Elione Silva Guimarães e Francisco Carlos Limp Pinheiro;

- à BIBLIOTECA MUNICIPAL MURILO MENDES, pela colaboração de sua funcionária e historiadora Heliane Casarim Henriques;

- ao MUSEU MARIANO PROCÓPIO, na pessoa de seu diretor Dr. Antônio Carlos Duarte e pela colaboração dos funcionários: Maria de Fátima Araújo Aguiar, Carlos Henrique Saldanha, Rita de Cássia de Andrade Procópio, Eneida Maria de Miranda e Aloísio Arnaldo Nunes de Castro;

- ao ARQUIVO DORMEVILLY NÓBREGA, pela colaboração e simpatia com que recebeu a equipe de história, especialmente ao seu organizador, o jornalista, historiador, cronista, pintor, cantor, humanista... senhor Dornemilly Nóbrega;

- à CASA DE ANITA na pessoa do Dr. Marcelo Mega;

- à Divisão de Comunicação da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora (DICOM) e aos funcionários que, gentil e pacientemente, atenderam às estagiárias, na busca incansável de processos de construção;

- à Secretaria da SOCIEDADE BENEFICENTE DE JUIZ DE FORA que, gentilmente, abriu-nos as portas de seu arquivo;

- ao INSTITUTO GRANBERY, pela grande colaboração de seus funcionários do Arquivo Documental

Dr. Lander: Professor Ernesto Giudice Filho e Professora Soraia Maria Lopes da Silva;

- à Diretoria da CASA ESPÍRITA, na pessoa da senhora Aelce Horácio Souza;

- ao MINISTÉRIO DA MEMÓRIA DA IGREJA METODISTA, pela colaboração do senhor Paulo Lima;

- à ASSOCIAÇÃO COMERCIAL pela colaboração de seus diretores e funcionários;

- ao ARQUIVO DO SEMINÁRIO SANTO ANTÔNIO, pela colaboração da funcionária Ozana de Fátima Paiva Cabral Silva e da Professora Beatriz de Vasconcellos Dias de Miranda;

- à SECRETARIA DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO de Juiz de Fora;

- à EMPRESA A & S SOFTWARE Ltda., pela assistência na digitalização das fotografias e mapas e pela

colaboração valiosa prestada por Adriano Braz Falco Genovez e Silene M. Felizardo Genovez.

Às pessoas que aceitaram dar seu depoimento, contando sobre a história da cidade, toda nossa estima. São elas: Sr. Oswaldo Costa (“Congo”); Dr. Antônio Fernando Vieira Braga, Dr. José João Mokdeci; senhora Mounira Haddad Rahmn, senhor Luiz Carlos Fazza; senhor Alberto Surerus Moutinho (por ter recolhido informações com outros funcionários do Banco do Brasil: Ary Geraldo, Leon Pereira Nehrey, Édson Mega e Mauro Lucci) e pela entrevista e disponibilidade em abrir seu arquivo pessoal de fotos da cidade; senhor Manoel Borges de Carvalho; senhor José Márcio Peralva; senhor Moysés A. Arbex; Doutor Alberto Arbex; senhora Nual Krayem Arbex; senhora Nabia Farage Miana; senhora Amélia Sfeirr Feres; senhora Cléa Feres Nacif; senhora Ináh Mello

de Carvalho; jornalista Mário César Manzolilo de Moraes; senhor Fúlvio Marcos De Landa Júnior; jornalista Natalle Chianello (Natálio Luz); senhor Nildo Tavares; senhor Sebastião Garibaldi Pifano; senhor Luarino Cortes Carvalho; senhora Maria Teresa Merhi Abi-Nasser; Dr. Edelo Abraham Assad; Dr. Rubem Sottomayor; senhora Inês Ciuffo; historiadora Valéria Ferenzini; escritora Cleonice Rainho Thomaz Ribeiro; Dr. Manoel Monachesi; senhor Nilton Soranço; senhor Mário Soranço; senhora Gioconda Soranço; senhor Sebastião Tomaz; senhora Vânia Maria Moreira Ranzoni; senhora Maria da Glória Moreira Ranzoni; senhora Delourdes Conceição Pratini de Almeida; senhor Antônio Vidal Campante; senhora Maria Ignez Michels; senhora Aelce Horácio de Souza; senhor Demétrio Pável Bastos; Padre David José Reis; artista plástica Nívea Bracher; doutor José Carneiro Gondin; senhora Jahira Mattos de Medeiros; doutor Waldemar

Medeiros; Padre e Professor Mestre Afonso Henrique Hargreaves Botti; senhor Dormevilly Nóbrega; Irmã Maria Helena Souza de Faria; psicóloga Maria de Lourdes Mascarenhas; Dr. Roberto Villela Nunes; Dr. Hermenegildo Villaça Freitas; senhora Lucy Junqueira Costa Reis; senhora Maria José Junqueira Villela de Andrade; Senhora Cristina Ribeiro de Castro; senhora Yolanda Maria Junqueira Villela de Andrade Melo; professora Sílvia Maria Belfort Villela de Andrade; professora Vanda Arantes do Vale; senhora Alice Salzer Rodrigues e Sr. Antenor Salzer Rodrigues.

Com todos tivemos a oportunidade de aprender muito mais do que história. Através de seus relatos e dos contatos estabelecidos, todos, indistintamente, nos ensinaram preciosidades, contando sobre suas experiências de vida. A esses, que já consideramos amigos, nosso imenso carinho.

Um agradecimento especial se faz necessário ao Professor Galba Ribeiro Di Mambro, já mencionado enquanto diretor do Arquivo Histórico da UFJF, que prestou seu total e irrestrito apoio à publicação propondo, inclusive a formação da presente coleção. O Professor Galba, diretor da Editora Clio Edições Eletrônicas, tem nos orientado na edição e constituição da coleção *História e Arquitetura de Juiz de Fora*.

Outro agradecimento especial cabe-nos fazer às estagiárias da equipe de história que demonstraram uma dedicação que vai além do profissionalismo. Daniella Pires de Freitas e Raquel Pereira Francisco que trabalharam além das horas propostas, levantando dados e percorrendo arquivos, por respeito e amor à história. Elementos que em nenhum momento faltaram à Professora Leda Maria de Oliveira, incansável nas entrevistas e contatos. Do convívio diário com Leda, Daniella e Raquel ficou a

grande lição de que um bom trabalho começa sempre com a humildade e a verdade, numa busca constante e honrada pela dignidade profissional do historiador.

Enfim, muitos obstáculos e problemas estiveram à nossa frente, formando barreiras por vezes quase intransponíveis. Por todos os desafios superados, fica apenas a certeza de que, através de nossa força, o poder de Deus se fez presente.

Patrícia Falco Genovez

NÚCLEO HISTÓRICO E ARQUITETÔNICO DAS RUAS HALFELD E MARECHAL - PARTE BAIXA

Aspectos históricos

Patrícia Falco Genovez ¹

O comércio se estabeleceu lá (parte baixa da rua Marechal Deodoro) por causa do trem. Os fazendeiros chegavam para comprar roupas e enxovais. O tempo era curto, em duas horas o trem voltava. Por isso, as lojas se concentravam na parte baixa. Na rua Halfeld, diferentemente, tinha os hotéis, para aqueles que precisavam permanecer na cidade mais tempo.

Mounira Haddad Rahmn - Lojista (Casa Chic)

¹ Doutoranda no programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense, membro do Núcleo de História Regional da UFJF, membro do Conselho Editorial da Revista Eletrônica de História do Brasil (<http://www.ufjf.br/~clionet/rehb>), historiadora responsável pela elaboração final do texto histórico para instrução de processos de tombamento, junto à Prefeitura Municipal de Juiz de Fora.

Ainda na segunda metade do século XIX, a cidade se desenvolvia às margens do Caminho Novo (rua Direita), traçado pelo engenheiro Halfeld. Toda a conformação urbana da cidade se concentrava, portanto, ao longo dessa estrada. Em suas margens foram construídos os principais centros de poder: a Igreja, as Repartições Públicas e a Praça Central da cidade, além disso, era o local escolhido pelos "bem nascidos" para construção de seus belos sobrados. Era, por assim dizer, a alma da cidade. Onde figuras importantes transitavam, o comércio da praça fervilhava e o poder se fazia presente, seja através da política, seja através das construções imponentes que se estendiam por toda a rua Direita (atual avenida Rio Branco), confirmando o poder econômico dos barões do café, tornando-o visível e palpável a todos.

Foi logo depois que a vila de Santo Antônio do Paraibuna transformou-se em cidade que o centro do

município foi configurado. O vereador Alves Garcia propôs a abertura de cinco novas ruas: rua do Cano (atual Sampaio), Califórnia (atual Halfeld),² Imperial (ou Imperatriz, atual Marechal Deodoro), Santo Antônio e rua Formosa (a rua do Comércio, atual Batista de Oliveira). Estava traçado o centro nervoso da cidade, local de concentração do comércio, da política e da cultura. A preocupação constante com uma urbanização disciplinada permaneceu na década de 1860, quando foi encomendada uma planta da cidade ao engenheiro Gustavo Dodt.³

² PROCÓPIO FILHO, J. **Retalhos do Passado**. Juiz de Fora : Edição do autor, 1966. p. 190. *Conta-se que, numa visita de d. Pedro II à cidade, quando em passeio pelo Morro Redentor, o Engenheiro Halfeld manifestou ao Imperador o desejo de que essa rua trouxesse o nome de sua Majestade, ao que este retrucou prontamente: "Pois ela se chamará Halfeld"*.

³**Juiz de Fora em dois tempos. Tribuna de Minas**. Juiz de Fora, 1997. p. 15. Sobre as ruas Halfeld e Marechal Deodoro ver também ESTEVES, Albino. **Álbum do Município de Juiz de Fora - 1915**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1915. p. 162 e 163.

Contudo, com a construção da Rodovia União & Indústria, inaugurada em 1861, com a presença marcante do Imperador do Brasil e de sua corte, o comendador Mariano Procópio, mexeu nos pilares da organização urbana da cidade, deslocando o traçado da Rodovia para fora do perímetro urbano, cuja concentração já se fazia ao longo da rua Direita. Assim, o comendador deu início à primeira transformação no traçado urbano do município. Além de perder qualquer benefício financeiro por parte da Província, em virtude do alto valor empregado na Rodovia, o comendador Mariano, enfureceu os políticos locais. Não houve preocupação em estabelecer uma estação na cidade, obrigando os moradores a se deslocarem até a Estação de Rio Novo, localizada fora do perímetro urbano, distante três quilômetros do núcleo urbano original, instalado ao longo da rua Direita. ⁴

⁴ Sobre a questão da rivalidade existente entre Mariano Procópio e

Depois da elite local sair abatida com a definição do traçado da Rodovia, no ano de 1855, por fora da área urbana, gerando uma situação tão difícil que sequer a Câmara foi convidada para a inauguração em 1861, a construção da Estrada de Ferro D. Pedro II configurou-se no novo pesadelo na década de setenta. ⁵ A estação da tão esperada ferrovia, que na época parecia apenas um sonho, permaneceu no mesmo lugar onde fora instalada a estação da Rodovia, a três quilômetros de distância da cidade. ⁶ A

os políticos locais, encarregados da defesa dos interesses do núcleo de povoamento instalado originalmente ao longo do Caminho Novo ver GENOVEZ, Patrícia Falco. **As malhas do poder: uma análise da elite de Juiz de Fora na segunda metade do século XIX.** Dissertação de mestrado, Niterói, UFF, 1996.

⁵ A inauguração da rodovia, em 1861, contou com a presença do Imperador D. Pedro II. Sobre a recepção e os convidados e todo o cerimonial que envolveu a inauguração ver GENOVEZ, Patrícia Falco. op. cit.

⁶ ESTEVES, Albino. op. cit., p. 66. Para o major Ignácio da Gama, um contemporâneo, a situação era clara (...) *havia duas forças que lutavam: a União e Indústria, desejosa de povoar, de dar vida à*

construção de uma estação dentro do município só aconteceu após a morte do comendador Mariano. Uma conquista, levando-se em conta as forças que estavam em ação no início da construção e o contexto desfavorável.⁷ A Câmara era muito pobre e foi preciso levantar o dinheiro para o terreno do bolso dos próprios vereadores. O conflito começou a resolver-se em 1873, quando, finalmente, houve um movimento no sentido de se estabelecer uma estação na cidade. Em 1875, foram atendidos os apelos, e o Presidente da Câmara enviou cartas de agradecimento aos Deputados Provinciais empenhados nesse movimento.⁸

Mariano Procópio (Rio Novo até 1881), e a cidade, que se avolumava na vargem fronteira ao sobrado do juiz-de-fora

⁷ Idem. p. 67.

⁸ Idem. Ver também ARQUIVO HISTÓRICO DA CIDADE DE JUIZ DE FORA. Câmara no Império, séries 40, 136, 142 e 164. Sobre a procedência dos deputados relacionados ver ARQUIVO DO MUSEU MARIANO PROCÓPIO, livros de Atas de apuração de eleições e de assinatura de eleitores 112/026, 131/036, 133/038.

Não foi apenas por capricho que a elite local se interessou pelo sistema viário da cidade. É através dele que a cultura cafeeira irá se expandir, primeiro, através da União & Indústria, depois, através da malha ferroviária.⁹ A década de 1870 também apresenta a expansão de investimentos na área comercial e industrial no valor de 50,98%.¹⁰

*Em 1875 a Estrada de Ferro Pedro II atinge o município, consolidando sua posição de pólo urbano regional e estimulando imensamente, (...), a produção agroexportadora da região.*¹¹

⁹ GIROLETTI, Domingos. **Industrialização de Juiz de Fora.** Juiz de Fora: EDUFJF, 1988. p. 153 a 155.

¹⁰ MIRANDA, Sônia R. **Cidade, capital e poder: políticas públicas e questão urbana na Velha Manchester.** Dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 1990. p. 102.

¹¹ PIRES, Anderson. **Capital agrário, investimento e crise na cafeicultura de Juiz de Fora - 1870/1930.** Dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 1993. p. 121.

A estação na cidade configura-se, portanto, em ponto essencial para atrair o desenvolvimento e, o movimento de passageiros e cargas traria, conseqüentemente, novos ares à economia, incorporando e agilizando áreas antes desprezadas pelo comércio e pelos próprios habitantes.

Já na década de 1880 percebe-se uma grande melhoria na estrutura urbana e nos serviços prestados. Uma evolução que ocorre em meio ao processo de transição da mão-de-obra escrava para o trabalho livre. Os reflexos trazem implicações imediatas na conformação urbana da cidade ao alargar o mercado de consumo interno e ao *redimensionar as articulações e as funções que o setor urbano vinha desempenhando no interior da estrutura agroexportadora*.¹² Há, portanto, um deslocamento visível das atividades concentradas no

núcleo de povoamento original para um novo centro que se formava nas ruas próximas às margens dos trilhos da ferrovia, principalmente aquelas que desaguavam na Estação: as ruas Halfeld e Marechal Deodoro.

Não é, portanto, por acaso que os primeiros bancos se instalam nessas ruas. Desde o final do século passado, Juiz de Fora se tornou um centro financeiro bastante dinâmico, associando capitais particulares provenientes do setor financeiro, dando origem aos primeiros estabelecimentos bancários de Minas Gerais: o Banco Territorial e Mercantil de Minas (12/07/1887) e o Banco de Crédito Real de Minas Gerais (23/01/1883).¹³ O comércio bastante ativo, as indústrias que estavam se estabelecendo e o café configuraram, até a década de 20, com o auxílio governamental, um volume de negócios de

¹² Idem. p. 121 e 122.

tal monta que as instituições de crédito se organizaram com plenas condições de sobrevivência. O BEMGE (Banco do Estado de Minas Gerais), foi criado a partir da associação de dois outros bancos: o Banco Mineiro da Produção e o Banco Hipotecário. Este último já funcionava na atual sede do BEMGE.

A primeira agência do Banco do Brasil, instalada na cidade, em 1918, *situava-se onde hoje é a loja Brasimac*,¹⁴ mais tarde foi transferida para o local onde foi construída a *galeria Surerus*.¹⁵ A atual sede localizada na

¹³ Ver PIRES, A. op. cit. Ver também, VAZ, Alisson Mascarenhas. **BEMGE: a maturidade na adolescência**. 1982. p. 38.

¹⁴ Entrevista concedida pelo senhor Alberto Surerus Moutinho, funcionário do Banco do Brasil, à Leda Maria de Oliveira, em 03/05/1998. O senhor Alberto recolheu informações com outros funcionários: Ary Geraldo, Leon Pereira Nehrey, Édson Mega e Mauro Lucci.

¹⁵ LOPES, Oscar Pereira Lopes. Comércio da rua Halfeld. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora**. Ano VII, n. 7, dez. 1973, p. 112 e 113.

rua Halfeld, número 450, foi adquirida da eminente família Vidal Barbosa Lage.¹⁶ O terreno situado na esquina da avenida Getúlio Vargas, com uma área de 1.023.00 m², foi vendido por Manoel Vidal Barbosa Lage e sua esposa Maria José Braga Barbosa Lage, além de outros herdeiros: Enéas Guimarães Mascarenhas e esposa, Bianca Maria Lage Mascarenhas; Beatriz Eucharis Lage e Silva; Cypriano de Lage e Silva; Constança Vidal Lage Valadares.¹⁷ A construção teve como projetista Oscar Niemayer. As dependências do edifício abrigou o Banco do Brasil nos três primeiros pavimentos. O “gigantesco” prédio era, por assim dizer, *muita construção para pouco*

¹⁶ Sobre a família Vidal Barbosa Lage e sua atuação na Câmara Municipal ver GENOVEZ, Patrícia Falco Genovez. op. cit.

¹⁷ Conforme Registro de Imóveis. Cartório do Segundo Ofício. Registro 4.694, feito em 27/12/1941, folha 75, livro 3-E.

banco. ¹⁸ Por isso, abrigava, nos andares de cima, a Receita Federal, uma Seccional do Ensino Superior, o IPASE e a Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB). ¹⁹ *De um modo geral, o estilo e o prédio em si, tiveram uma boa receptividade junto à população.*

¹⁸ Entrevista concedida pelo senhor José Márcio Peralva, funcionário do Banco do Brasil, um dos fundadores da AABB, à Leda Maria de Oliveira, em 03/05/1998. Conforme depoimento concedido pelo senhor Manoel Borges de Carvalho, fiscal da obra do banco, à Leda Maria de Oliveira, em 03/05/1998, a obra levou de 2 a 3 anos para ser finalizada. O construtor responsável foi o senhor Sebastião Procópio Ladeira. Sobre o projeto do Banco do Brasil ver também PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. Departamento de Comunicação (DICON), processo 6001/46, onde estão anexadas as plantas e as alterações propostas por outros arquitetos (Édson Leonardo de Carvalho e Marco Antônio de Pádua) para adequação do *lay-out* às necessidades de funcionamento da agência de Juiz de Fora, em 1991. O processo também possui a autorização do arquiteto Oscar Niemayer às propostas.

¹⁹ Entrevista concedida pelo senhor Alberto Surerus Moutinho, funcionário do Banco do Brasil, à Leda Maria de Oliveira, em 03/05/1998.

Principalmente, de tijolos de vidro, uma das primeiras da cidade, causava um grande impacto. ²⁰

O valor histórico do prédio se coloca em virtude da consolidação do Banco do Brasil no município. Por outro lado, sua arquitetura é repositório do ideal de progresso que a cidade de Juiz de Fora necessitava num momento de desaceleração industrial e, até mesmo, comercial. É o coroamento de uma fase de expansão econômica e, ao mesmo tempo, símbolo da expectativa de que novos tempos estariam à caminho. Esta obra de Oscar Niemayer, complementa o cenário urbano ao localizar-se entre um pólo onde concentrava-se um comércio ativo e de grande facilidade de transporte que já apresentava sinais de decadência, e um outro, localizado na parte alta das ruas Halfeld e Marechal Deodoro, já nas décadas de 50 e 60. O

estilo modernista impunha-se como um marco que finalizaria o passado de expansão comercial concentrado na parte baixa das ruas supra citadas. Tema, sobre o qual, dissertaremos a seguir.

Nas proximidades da ferrovia se concentrou o desenvolvimento comercial e industrial, mudando todo o aspecto urbano. É o momento de maior adensamento populacional e, concomitantemente, comercial e industrial de setores urbanos pouco desenvolvidos como a área vizinha à Estação e proximidades, como a Praça Antônio Carlos, abrindo caminho para o desenvolvimento em direção à avenida Sete de Setembro.²¹ Contudo, o

²⁰ Conforme depoimento concedido pelo senhor Manoel Borges de Carvalho, fiscal da obra do banco, à Leda Maria de Oliveira, em 03/05/1998.

²¹ PIRES, Anderson José. **Capital agrário, investimento e crise na cafeicultura de Juiz de Fora - 1870/1930**. Dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 1993. p. 124. Apenas para se ter uma idéia, o crescimento populacional de Juiz de Fora em relação a

desenvolvimento industrial deve ser observado intrinsecamente articulado com o setor agroexportador²² e, é a partir dessa dinâmica que devemos analisar o deslocamento das atividades urbanas e da concentração populacional. Uma preocupação que aparece no Código das Construções:

Ficam assim discriminadas as vias públicas nas quais são proibidas construções e reconstruções de prédios de um só pavimento: Rua Halfeld entre as Avenidas 7 de Setembro e Rio Branco, rua Marechal Deodoro, entre a Praça Dr. João Penido e Avenida Rio Branco, Praça Dr. João Penido; rua Dr. Paulo de Frontin; Avenida Francisco Bernardino, entre a Praça Dr. João Penido e a rua Batista de Oliveira;

outros dez municípios da Zona da Mata, no ano de 1920, correspondeu a 42,20%.

²² Ver ANDRADE, Sílvia M. Belfort Villela de. **Classe operária em Juiz de Fora. Uma história de lutas (1912-1924)**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1987.

Avenida 15 de Novembro entre as ruas Espírito Santo e Floriano Peixoto; Avenida Rio Branco, entre as ruas Marechal Deodoro e São João. ²³

Num aspecto mais amplo, a estação configurava-se em um *signo de passagem do antigo para o novo*, (...), além desse valor simbólico, tinha também, um valor pragmático; pelo trem chegavam as pessoas, os livros, e os materiais para a edificação da cidade. ²⁴ É numa sociedade em transição, como a que acabamos de caracterizar, que o ecletismo faz morada. As construções que inicialmente fazem parte dos arredores da Praça da Estação, compreendendo as ruas Halfeld e Marechal

²³ ARQUIVO HISTÓRICO DA CIDADE DE JUIZ DE FORA - **Código das Construções: contendo as posturas, leis e decretos municipais da Diretoria de Obras Públicas.** 1936, Capítulo 1 - Das Construções, Artigo 59, Decreto 171/76.

²⁴ SALGUEIRO, Heliana Angotti. **Belo Horizonte - o nascimento de uma capital.** Guia da Exposição. Belo Horizonte, 1996. p. 4.

Deodoro, buscam um contraponto com as construções operárias e os cortiços advindos do desenvolvimento industrial. Nas casas, hotéis e casas de comércio percebe-se a necessidade de uma sociedade em conjugar o passado com o presente.

Os imigrantes foram os maiores contribuidores para que o estilo eclético se consolidasse. Foram eles que trouxeram, para uma sociedade recém saída da escravidão, os conhecimentos e as aptidões exigidos pela indústria e posturas urbanas calcadas nos preceitos higienistas. ²⁵ O mesmo se pode afirmar com o estilo Art Déco. Em suas origens, desde o final da Primeira Grande Guerra, percebe-se um intercâmbio cada vez maior entre o Brasil e

²⁵ Idem. p. 12.

a Europa, com artista emigrando para cá e brasileiros indo estudar no velho continente. ²⁶

O conjunto eclético, emblema deste período de transição pelo qual não apenas a economia juizforana passava mas a de todo o Brasil, é bastante significativo. Seguem abaixo alguns prédios de característica eclética da rua Halfeld, a saber ²⁷:

- números 310 e 320: Hotel Charme, Restaurante Faisão Dourado, Brasileira Móveis e Policlínica;
- números 322 e 324: Casa Fernandes;
- número 332: Igreja Vida Nova com Jesus;

²⁶ CONDE, Luiz Paulo Fernandez. “Art Déco: modernidade antes do movimento moderno”. **Art Déco na América Latina**. I Seminário Internacional - Centro de Arquitetura e Urbanismo do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro/SMU, Solar Granjean de Montigny - PUC/RJ, 1997. p. 69.

²⁷ O conjunto arquitetônico que compreende as ruas Marechal Deodoro e Halfeld foi dividido, para uma melhor apreciação, em dois grupos. Portanto, as edificações com características ecléticas e

- número 342: antiga sede do PLASC;
- número 365 e 369: RS Móveis;
- número 559: Drogaminas;
- número 580: Drogaria Dia e Noite.

O conjunto eclético da rua Marechal Deodoro é composto pelas seguintes construções:

- número 80 e 92: Pavan;
- números 116 e 118: Restaurante Macrobiótico;
- números 120 e 128: Diversões 120;
- números 252 e 254: Loja Alvorada;
- número 260: Supermercado Bellini;
- número 268: Jodac.
- números 252 e 254: Loja Alvorada.

Todas essas edificações trazem nas fachadas e interiores as marcas da transição econômica, social e, principalmente,

art déco apresentadas nesse texto formam apenas o primeiro grupo de construções.

cultural, onde os costumes de uma sociedade agrária estão sendo sobrepujados pelos novos modos de pensar e agir da sociedade industrial.

As construções, entre o final do século XIX e as décadas de 10 e 20, montam um cenário em que a história tem continuidade nas décadas posteriores, até 1940, com construções Art Déco.²⁸ São os seguintes prédios da rua Halfeld:

- números 300 e 304: Hotel Capri;
- números 337 e 343: Hotel São Jorge, Show Móveis e Chaveiro São José;
- números 360 e 368: Hotel São Luiz e Farmácia América;

28 Ver CHRISTO, Maraliz de C. Vieira Christo. “Algumas considerações sobre o Art Déco.” In: --- e SOUZA, Maria Julieta Nunes de. **Art Déco e Patrimônio Histórico**. Nota Prévia de Pesquisa. Juiz de Fora: ClioEdel, 1998. (História e Arquitetura de Juiz de Fora, 1).

- número 533: BEMGE.

Na rua Marechal Deodoro são os seguintes:

- número 31: Cacareco Móveis;
- números 96 a 108: Relojoaria Patrícia, Gráfica Brasília e A Cabocla;
- números 194 e 202: Casa Chic, Casa dos Enxovais e Clínica Dentária;
- números 250: Paulistana;
- número 275: Magalhães e Cia Ltda;

Com uma relação intrínseca às mudanças econômicas que se concretizavam nas primeiras décadas do século XX, a arquitetura ajudava na visibilidade do conceito de modernização, *entendida como vontade e desejo coletivo de recuperar o tempo perdido e escapar do atraso, correndo contra o relógio*.²⁹ A modernização ficará ainda mais evidente com a sede construída para

abrigar o Banco do Brasil (rua Halfeld, número 450). Esta edificação, de características modernista, complementa o cenário de progresso, já na década de 50, conforme exposto acima.

As novas construções que circundavam a Praça da Estação e as ruas que nela desaguavam, Halfeld e Marechal Deodoro, formavam um conjunto que marcava uma nova época em contraponto aos belos sobrados da avenida Rio Branco. Criava, nos moradores da cidade, impressões as mais diversas ao mostrar, na simplificação de suas linhas e na racionalização de suas formas, o fim de um tempo baseado na economia cafeeira e nos senhores de terras e homens.

Nas memórias de Raquel Jardim, o contraponto torna-se evidente. Em suas palavras, *a rua Halfeld, que era a rua principal, ficava em frente ao parque. Muito*

²⁹ CONDE, Luiz Paulo Fernandez. op. cit., p. 69.

*feia, mas também típica desse gênero de cidade. Construções de cimento, sem nenhum estilo.*³⁰ Em contrapartida, aparece nas memórias da autora a outra parte da cidade, aquela ainda presa a um passado marcado pelo poder econômico ostentado pelos barões do café. A avenida Rio Branco era a parte que ela mais gostava, *à medida que ia subindo, ficava cada vez mais bonita. Iam aparecendo as casas apalacetadas, as mansões.*³¹ A Praça da Estação e as ruas Halfeld e Marechal Deodoro, portanto, reafirmam, através das construções que lá se estabeleceram, o símbolo de uma sociedade que lutava com o próprio passado para continuar no caminho do desenvolvimento.

Desde o final do século XIX, a rua Halfeld era uma das vias mais movimentadas. Era o lugar de construções

³⁰ JARDIM, Raquel. **Os anos 40: a ficção e o real de uma época.** 2 ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1979. p. 14.

de estilo leve e alegre, principalmente nas primeiras décadas deste século. Bastante influenciada pelos imigrantes italianos, onde se destacam Pantaleone Arcuri e Spinelli, esta rua abrigava, por volta da década de 10 e 20, variado comércio com destaque para o ramo alimentício, envolvendo atacadistas e varejistas.³² Mais tarde instalaram-se o cinema São Luiz e, principalmente, vários hotéis. A concentração de hotéis na rua Halfeld deu-se em virtude de sua proximidade à Estação. *Os comerciantes e donos de hotéis escolheram a parte baixa da Halfeld porque assim ficavam mais perto dos viajantes.*

³³

³¹ Idem. p. 15.

³² LOPES, Oscar Pereira. “Comércio da Rua Halfeld”. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora**. Ano VII, n. 7, Dezembro de 1973. p. 105 a 128.

³³ Entrevista concedida pelo senhor Moysés Arbex, lojista (Casa Vitória), à Daniella Freitas em 28/04/1998.

Rua acostumada a grande *glamour*, era lá que se faziam as batalhas de confete no Carnaval. Nas memória de Murilo Mendes, não é possível situá-la no tempo ou no espaço, era o corredor onde homens e mulheres, da “boa sociedade”, transitavam.³⁴ Nesse aspecto, diferia bastante da Marechal Deodoro, local mais procurado pelas classes mais baixas. Além do comércio e do *glamour* de seus transeuntes, a rua Halfeld, também, era o centro político da cidade, devido sua proximidade com a Câmara Municipal. Em 1935, foi palco do conflito entre os membros da Ação Integralista e da Aliança Nacional Libertadora.³⁵ Era, por assim dizer, o termômetro cultural e político, local onde se reuniam os bem nascidos, os

³⁴ MENDES, Murilo. **A idade do serrote**. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1968. p. 11 e 144.

³⁵ OLIVEIRA, Mônica R. **Juiz de Fora: vivendo a história**. Juiz de Fora: Núcleo de História Regional da UFJF/ Editora da UFJF, 1994. p. 64.

intelectuais e os políticos. Para definir melhor o que a rua Halfeld representava, somente as palavras de Pedro Nava.

A rua Halfeld desce como um rio, do morro do Imperador, e vai desaguar na Praça da Estação. Entre suas margens direita e o Alto dos Passos estão a Câmara; o Fórum; a Academia de Comércio(...); a Matriz, (...); a Santa Casa de Misericórdia, (...); a Cadeia, (...); toda uma estrutura social bem pensante (...). Esses estabelecimentos tinham sido criados, com a cidade, por cidadãos prestantes que praticavam ostensivamente a virtude (...). Já a margem esquerda da rua Halfeld marcava o começo de uma cidade mais alegre, mais livre, mais despreocupada e mais revolucionária. O Juiz de Fora projetado no trecho da Rua Direita era, por força do que continha, naturalmente oposto e inconscientemente rebelde ao Alto dos Passos. Nele estavam o Parque Halfeld e o Largo do Riachuelo, onde a escuridão noturna e a solidão favorecia

a pouca vergonha. Esta era mais desoladora ainda nas vizinhanças da linha férrea ... ³⁶

Nas décadas de 30 e 40, as estruturas de gosto déco foram utilizadas com frequência como edifícios comerciais. ³⁷ No caso da cidade de Juiz de Fora, principalmente na parte baixa da rua Marechal Deodoro, abrigou várias casas comerciais que, além de evidenciarem o progresso econômico mostravam um outro movimento: da vitória econômica de várias famílias sírias que para cá vieram no final do século XIX e início do XX.

Os sírios, todos provenientes da cidade de Yabroud, se fixaram logo no setor

³⁶ NAVA, Pedro. **Baú de Ossos**. Memórias 1. 6. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983. p. 20 e 21.

³⁷ SEGAWA, Hugo. “Modernidade pragmática: arquitetura no Brasil dos anos 1920 a 1940”. **Art Déco na América Latina**. op. cit., p. 174.

comercial de seu interesse, concentrando-se, assim como os libaneses, sobretudo ao longo da rua Marechal Deodoro e imediações - Largo da Alegria, pequeno trecho da rua Batista de Oliveira e parte da rua Halfeld, nesta entre a Avenida 15 de Novembro, hoje Getúlio Vargas, e avenida Barão do Rio Branco - com lojas de tecidos e armarinhos de alto prestígio. ³⁸

Embora o favorecimento econômico dos sírios e libaneses fosse evidente, a parte baixa da Marechal Deodoro era considerada uma parte pobre da cidade. As construções que lá se estabeleciam, emblema do progresso e da modernização, verticalizavam a paisagem da cidade. De certa forma, era uma solução habitacional desconhecida para os habitantes acostumados aos palacetes que

³⁸ BASTOS, Wilson de Lima. **Os sírios em Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Paraibuna, 1988. p. 7.

relembavam os tempos áureos dos fazendeiros.³⁹ Povoada posteriormente, esta área da cidade acolheu inúmeras famílias sírias, dedicadas ao comércio. Além dos sírios e libaneses, também, podemos encontrar entre os comerciantes a presença de alguns portugueses. ⁴⁰

A presença síria nas imediações da Praça da Estação e, principalmente, na parte baixa da rua Marechal Deodoro, continua sendo representada nas construções que ainda existem. Marcam a saga de várias famílias que se estabeleceram em suas casas comerciais após anos de dedicação no comércio ambulante. Entre essas famílias podemos citar: os Hallack, Arbex, Mockdeci, Cury e Bara. Inúmeras foram as lojas comerciais fundadas por estas

³⁹ SEGAWA, Hugo. op. cit., p. 174. Segundo o autor as habitações verticais que o estilo art déco trazia, era tido pela sociedade como promíscuo.

⁴⁰ PROCÓPIO FILHO, J. **Salvo erro ou omissão**; - Gente juizforana. Juiz de Fora: (edição do autor), 1979. p. 8 e 9.

famílias entre as décadas de 20 e 50, entre elas: *A Esquina da Moda, A Vencedora, Bazar São João, Bazar São Jorge, Casa André, Casa Aristocrata, Casa Aurora, Casa Chic, Casa Combate, Casa do Preço Barato, Casa Dois Irmãos, Casa Glória, Casa Ideal, Casa Mineira, Casa Normandi, Casa Petrus, Casa Vitória, Confecções Royal, Loja Santa Branca, Loja Marabá, Loja Síria, Loja Valenciana, Lojas Tony, Luva Vermelha, Naine's, Pague Pouco*.⁴¹ Houve, também, contribuições importantes referentes a construções de grande porte para a cidade: Edifício Baependi, Galeria Hallack e Edifício Gattás Bara.

É importante esclarecer que o comércio sírio e libanês não ficou restrito apenas na parte baixa da Marechal Deodoro, embora tenha se estabelecido lá de

⁴¹ Todas as lojas mencionadas encontram-se em BASTOS, Wilson de Lima. op. cit., p. 48 a 177.

forma arrebatadora.⁴² Além disso, esse conjunto arquitetônico não representa apenas um novo período econômico da cidade. O espaço escolhido e ocupado é o emblema da ascensão econômica de um grupo de imigrantes que plantou suas raízes neste município. Representa uma tradição que está chegando ao fim. Se compararmos o empenho na área comercial da primeira geração de sírios e libaneses que chegaram à cidade e a vocação da segunda e terceira geração, podemos verificar mais um motivo para resguardar este patrimônio. O que

⁴² Podemos encontrar estabelecimentos comerciais referentes a proprietários sírios e libaneses nas seguintes ruas e galerias da cidade: Galerias Pio X, Bruno Barbosa, Álvaro Braga, Constança Valadares, Belfort Arantes, Castro Alves; nas ruas Halfeld, Getúlio Vargas, Batista de Oliveira, São João, Roberto de Barros, Paulo de Frontin, Mister Moore, Fonseca Hermes, São Sebastião e Floriano Peixoto; além das avenidas dos Andradas e Barão do Rio Branco. Contudo, vale a pena ressaltar que todas essas ruas, galerias e avenidas juntas não correspondem à metade do comércio concentrado na rua Marechal Deodoro. Ver dados em BASTOS, Wilson de Lima. op. cit., obra completa.

podemos perceber é que as gerações posteriores têm se voltado para as profissões liberais, abandonando a tradição comercial. Os reflexos desse deslocamento já se tornam evidentes uma vez que inúmeras das lojas supra citadas estão baixando suas portas, embora algumas continuem em funcionamento.⁴³ Conforme depoimento da senhora Mounira Haddad Rahmn, lojista na rua Marechal Deodoro, *o comércio escraviza muito e os pais preferem que os filhos estudem. Além disso, é difícil lidar com o público.*⁴⁴ Ainda em seu depoimento, a senhora Mounira fala da importância da Estação e os motivos pelos quais o comércio se concentrou em suas imediações:

O comércio se estabeleceu lá (parte baixa da rua Marechal Deodoro) por

⁴³ Idem.

⁴⁴ Depoimento concedido, em 27/04/1998, à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira por dona Mounira Haddad Rahmn - Proprietária da Casa Chic, loja fundada em 1928. Chegou ao Brasil em 20/02/1954.

*causa do trem. Os fazendeiros chegavam para comprar roupas e enxovais. O tempo era curto, em duas horas o trem voltava. Por isso, as lojas se concentravam na parte baixa. Na rua Halfeld, diferentemente, tinha os hotéis, para aqueles que precisavam permanecer na cidade mais tempo.*⁴⁵

A Revista da Associação Comercial, em sua edição comemorativa de 100 anos, confirma o depoimento da senhora Mounira. A rua preferida do comércio, assim se estabeleceu em virtude da proximidade com a Estação. Além disso, tinha um transporte rápido e fácil.

⁴⁵ Idem. Sobre a rede hoteleira do município, ver LESSA, Jair. **Juiz de Fora e seus pioneiros.** Do Caminho Novo à Proclamação da República. Juiz de Fora: UFJF/FUNALFA, 1985. Nessa pesquisa Jair Lessa mostra o florescimento da rede hoteleira da cidade, iniciada em 1877, criada para atender à população flutuante nas proximidades de Mariano e da Praça da Estação, posteriormente construída. p. 130 a 132.

sediou essa rua uma incrível diversificação de estabelecimentos comerciais, como pensões, a Charutaria Índios de Cuba, loterias, casas de tecidos, calçados, açougues, funilarias, artefatos em folha-de-Flandres, costureiras, depósito de carvão e lenha. (...) Com um detalhe não menos interessante, que confirma a preocupação de manter o comércio o mais próximo possível da Estação e da esquina com a rua do Comércio, depois da Batista de Oliveira. Desse ponto até a rua Direita (Rio Branco), diz Pereira Lopes, não havia qualquer estabelecimento comercial ou industrial, salvo a Pensão Globo e a Pensão Mendes. ⁴⁶

O problema mais difícil a superar, nas últimas décadas, segundo a senhora Mounira, é a posição geográfica em que se encontram as lojas estabelecidas na

⁴⁶ **Revista da Associação Comercial - 100 anos.** Edição

parte baixa da rua Marechal Deodoro. Com a redução do movimento na Praça da Estação e o surgimento de outras formas de transporte, o local ficou isolado. O entroncamento das ruas Marechal Deodoro, Batista de Oliveira e Getúlio Vargas, além de ser difícil para atravessar, ganhou nova movimentação com os ônibus que começaram a circular nas avenidas Getúlio Vargas e Barão do Rio Branco. ⁴⁷ Mais uma vez, os meios de transportes mudam a configuração urbana da cidade, obrigando os comerciantes a levarem suas lojas para mais próximo do movimento de passageiros.

O transporte fácil e rápido que havia na rua Marechal Deodoro, com os bondes, também circulava por

Comemorativa. Juiz de Fora, 1996. p. 3.

⁴⁷ Conforme depoimento concedido, em 27/04/1998, à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, pela senhora Mounira Haddad Rahmn - Proprietária da Casa Chic, loja fundada em 1928. Chegou ao Brasil em 20/02/1954..

outras ruas da cidade, integrando o centro comercial, político e econômico. A primeira secção foi construída em 1881, entre a Estação de Mariano e a Ponte do Queiroz, na rua Direita (Rio Branco), passando pela rua da Imperatriz (Marechal Deodoro) e logo depois até o Alto dos Passos. A segunda, em 1882, partia do Largo Municipal até o Largo da Gratidão. O bonde também passava pela rua Dr. Paulo de Frontin, conforme correspondência entre a Câmara Municipal e a Companhia Mineira de Eletricidade, responsável pelas linhas de bondes. Em 1906, os bondes elétricos passam a circular nos mesmos trajetos.⁴⁸

Na década de 10 surgem os primeiros ônibus de tração mecânica e auto-lotações que supriam as

⁴⁸ OLIVEIRA, Paulino de. **História de Juiz de Fora**. 2 ed., Juiz de Fora: Gráfica Comércio e Indústria Ltda, 1966. p. 128 e 129. Ver também, ARQUIVO HISTÓRICO DA CIDADE DE JUIZ DE FORA (AHCJF). Documentos da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Série 09 a 13/5.

necessidades de transporte de áreas mais distantes do centro urbano, como por exemplo, a parte alta da cidade.

⁴⁹ A experiência continuou dando frutos até que, no final da década de 40, implantou-se a primeira linha de ônibus cruzando a cidade de um extremo a outro. Contudo, o centro da cidade continuava servida pelos bondes, que entraram em decadência, sendo substituídos por ônibus, em 1967, no governo do prefeito Itamar Franco. O último bonde circulou em 1969.⁵⁰

A opção por um transporte mais rápido e que cobria áreas distantes do centro da cidade, fez com que a população logo mudasse hábitos antigos, levando-a a transitar fora do perímetro da Praça da Estação. O movimento, portanto, passa a se concentrar entre as

⁴⁹ OLIVEIRA, Paulino. op. cit., p. 208.

⁵⁰ CANÇADO, Vera Lúcia e THIELMANN, Ricardo. **A história dos transportes coletivos urbanos por ônibus em Juiz de Fora**. UFJF/FEA, Juiz de Fora, 1995.

avenidas Getúlio Vargas e Barão do Rio Branco. Esse deslocamento acaba marginalizando, não apenas o comércio, como também, os próprios moradores e transeuntes da parte baixa das ruas Halfeld e Marechal Deodoro.

A preservação do estilo da arquitetura que marcou uma época e, principalmente, a cultura e o ambiente comercial da parte baixa das ruas Halfeld e Marechal Deodoro, pode ser encarado como uma maneira de avivar esta parte da cidade que tanto contribuiu para o crescimento econômico do município. De um centro ativo à parte marginalizada, esta área poderá, com a recuperação do patrimônio que é o próprio emblema de sua trajetória, voltar a contribuir com a população de Juiz de Fora,

tornando-se o repositório de um tempo já passado, quando éramos conhecidos como a *Manchester Mineira*.⁵¹

⁵¹ Sobre preservação do patrimônio ver Ver SOUZA, Maria Julieta Nunes de. Preservação do Patrimônio Arquitetônico: uma trajetória. In: CHRISTO, Maraliz de Castro Vieira e SOUZA, Maria Julieta Nunes de. **Art Déco e Patrimônio Histórico**. Nota Prévia de Pesquisa. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 1998. (História e Arquitetura de Juiz de Fora, 1).

ASPECTOS ARQUITETÔNICOS

Introdução

Maria Julieta Nunes de Souza

Dentre os três fatores que Frederico Moura Rodrigues extrai da leitura de Gordon Cullen “... *que qualificam as possibilidades de o meio ambiente urbano provocar reações emocionais*” nos indivíduos, um deles refere-se à categoria *conteúdo do espaço*, definida como: “*A personalidade da cidade: seu estilo ou estilos; sua história, singularidade, cor, escala, textura.*”⁵²

⁵² RODRIGUES, Frederico M de Moura. **Desenho Urbano, cabeça, campo e prancheta.** São Paulo: Editora Projeto, 1986. p 46. As outras duas são: - *a visão em série* (o pedestre que caminha a uma velocidade constante emociona-se pela revelação sucessiva de diferentes cenas urbanas) e - *o espaço psicológico* (clausura e

Gordon Cullen, urbanista e autor de um livro que serve de referência a toda uma geração de arquitetos e urbanistas ⁵³ chama atenção para a existência de uma “*capacidade cênica*” da cidade. Ele justifica a importância de termos esse aspecto em conta, pois “*é através da visão que conhecemos e apreendemos seu espaço (da cidade).*”⁵⁴

Focalizando o aspecto de *conjunto*, o *efeito coletivo* emanante do somatório de exemplares individuais das edificações, no contexto dos centros urbanos, o primeiro autor mostra, com propriedade, que

... no caso singular de projetos urbanos em áreas centrais, é oportuno ressaltar sua vocação de “cenário de vida coletiva”, cuja linguagem cênica

apmplitude do espaço, com possíveis efeitos de identidade e simpatia.

⁵³ Cullen Gordon. **Paisagem Urbana.** Lisboa: Edições 70, 1990.

⁵⁴ RODRIGUES, Frederico de Moura. op. cit.. p. 46.

*diferencia-se logicamente de outras áreas por maior necessidade de informar e dialogar com a coletividade no seu uso cotidiano. (...)*⁵⁵

A passagem sintetiza com extrema simplicidade e pertinência o significado de certos conjuntos urbanos situados na área central de Juiz de Fora, como aquele formado pela rua Halfeld (incluindo o Parque Halfeld e a Igreja), assim como o existente na Rua Marechal Deodoro, o conjunto formado pela Praça Antônio Carlos, dentre outros. Ao apresentar a cidade de Juiz de Fora a um forasteiro, certamente nos reportamos a estes para situar o centro, para descrevê-lo, seja urbanística ou historicamente falando. São eles que apoiam o nosso discurso simplesmente por oferecerem ‘argumentos’, ‘motivos’ para a nossa narrativa.

⁵⁵ Ibidem

Tais razões tem sua essência nos aspectos oferecidos pelas formas da arquitetura dos seus prédios, mas não vistas isoladamente, uma a uma, mas principalmente como configuradoras de uma “*imagem cênica*” que se descortina e serve de palco para vida cotidiana de seus habitantes, moradores destes, de outros bairros da cidade e quiçá de outras cidades da região. Talvez nenhum outro conjunto da cidade lide com tantos atores e protagonistas como estes. Eles constituem-se como o próprio “*cuore urbano*”, o coração da cidade, expressão que empresta os significados de amor, pulsação, vitalidade. Um “*nó central*” no sentido entendido por Kevin Lynch.⁵⁶

⁵⁶ Este autor cria esta categoria para denominar cruzamentos de especial relevância para a cidade. Como característica particular destes locais, ele diz que “O essencial deste tipo de elemento é que ele seja distinto, um local *inesquecível*, a não ser confundido com nenhum outro” (grifo do autor) LYNCH, Kevin, **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1980. p. 115.

Do ponto de vista urbanístico e arquitetônico, a importância do conjunto de edificações existentes nas ruas Halfeld e Marechal Deodoro, exemplares referentes ao período do Ecletismo e Art Déco da arquitetura brasileira, não se limita apenas à excelência arquitetônica das fachadas, cuidadosamente trabalhadas por seus construtores. É sobretudo pelo efeito monumental produzido pelo seu conjunto, associado aos aspectos de localização na cidade, que evidencia-se no contexto histórico da área central da cidade.⁵⁷ A excepcional posição deste conjunto arquitetônico, como elo de ligação interligado a quatro outros conjuntos - o da Praça da

⁵⁷ Segundo a Carta de Veneza, a noção de *monumento histórico* compreende a criação arquitetônica isolada bem como o sítio urbano ou rural, que dá testemunho a uma civilização particular, representante de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico; assim não se limita somente às grandes criações, estendendo-se, também às obras modestas que adquirem com o

Estação e o da Praça Antônio Carlos, o do Largo do Riachuelo e o do Parque Halfeld - por si só, lhes confere especial atenção como um dos mais relevantes elementos estruturantes da malha urbana juizforana.

RUA HALFELD

EDIFICAÇÃO: *Halfeld 300/304*

Hotel Capri

Mônica C. Henriques Leite

O edifício se insere no ecletismo mais simplificado e constitui um dos mais antigos representantes da arquitetura das primeiras décadas do século na rua Halfeld.

tempo uma significação cultural. Para tanto ver Ver SOUZA, Maria Julieta Nunes de. op. cit.

A primeira vista, simples e sem significação contextual, representa um dos mais ricos documentos remanescentes de uma época em que as casas térreas ainda compunham, em quantidade considerável, o cenário urbano da cidade. Conserva ainda o gabarito original e obedece ao modelo tradicional de implantação, onde segue o alinhamento da rua e aproveita toda a testada do terreno mantendo as paredes laterais sobre os limites do mesmo. Nota-se, como na grande maioria das construções da cidade, a influência neoclássica na divisão horizontal da fachada, que pode ser comparada à divisão das ordens arquitetônicas: base, corpo e capitel (coroamento).

Sua principal característica é o destaque dado ao frontão, tanto pela altura deste quanto por sua singela e rica decoração, única em toda a cidade. Trata-se de um frontão ondulado, ornado pelo chamado acrotério que sustenta o detalhe cuneiforme (em forma de leque

rendado), ladeado por folhas de acanto dobradas. É uma linguagem tipicamente eclética, cuja base é a ornamentação da arquitetura clássica. Tais ornatos do início do século normalmente eram feitos de estuque, material ainda amplamente utilizado em projetos de decoração de interiores, facilmente elaborado e aplicado por firmas especializadas segundo as técnicas atuais.

Os conceitos utilizados atualmente em restauração seguem o texto da Carta de Veneza que diz, em seu 8º e 9º parágrafos, respectivamente:

A restauração é uma operação de caráter excepcional,- pretende conservar e revelar os valores estético e histórico do monumento. A conservação apoia-se sobre o respeito à substância antiga ou sobre documentos autênticos e detém-se onde começa a hipótese...;

Os elementos destinados a substituir as partes danificadas ou inexistentes devem

*se integrar harmoniosamente ao conjunto, embora se diferenciando das partes originais, a fim de que a restauração não falsifique o documento da arte e da história”.*⁵⁸

Portanto, este não é apenas um exemplar da arquitetura juizforana que está inserido no principal conjunto arquitetônico da cidade. É muito mais que isso. Trata-se do único representante “vivo” de um período histórico e artístico que, cada vez mais, fica restrito à lembranças e à meras fotografias.

EDIFICAÇÃO: *Halfeld 310/316/320*

Hotel Charme, Restaurante Faisão Dourado,

Brasileira Móveis e Policlínica

Paulo Gawryszewski

A edificação em questão obedece ao esquema de implantação tradicional no lote, remanescente do período colonial, de alinhamento junto à via pública, aproveitando toda a testada do terreno e sobre as divisas laterais.

Seus traços formais predominantes enquadram-no no período eclético da arquitetura brasileira. De acordo com esta tendência, as edificações têm suas fachadas definidas por uma divisão em planos horizontais, que pode ser comparada à divisão das colunas clássicas. O pavimento térreo que destinava-se à atividade comercial era constituído de elementos construtivos que denotavam embasamento, solidez, concebido como base. O segundo pavimento, assoalhado que correspondia a parte nobre, servindo para abrigar as residências reportava-se ao fuste enquanto que o coroamento, a platibanda associava-se ao capitel.

⁵⁸ Carta de Veneza. Parágrafos 8º e 9º.

A composição arquitetônica objetivava, assim, dispor das diversas partes do edifício de forma harmoniosa e regular tal como as ordens arquitetônicas, se estabelecia o relacionamento pro-ponderal entre as partes perseguindo a harmonia das proporções.⁵⁹

Pertencendo ao ecletismo singelo, a construção apresenta-se diferente das demais da área, pois o construtor ou projetista optou como partido arquitetônico, pelo jogo de volumes, rompendo com o tratamento bidimensional da fachada. Para tanto recua a parte central e mantém as extremidades e a larga pilastra central no alinhamento da testada do terreno, utilizando-se, ao mesmo tempo, dos balcões com balaustrada de massa, retilínea, apoiados em modilhões que vão reforçar a idéia

de volume.

Há uma larga pilastra central que funciona como eixo de simetria da composição estabelecendo uma seqüência rítmica, horizontal das janelas com vergas retilíneas e da platibanda segmentada com balaustres e, verticalmente, com as janelas rasgadas com balcão entalado ou não, as bandeiras das portas do pavimento térreo e os balaustres da platibanda.

O coroamento acontece com uma cornija perfilada arrematada por uma platibanda segmentada com balaustrada na área central e platibanda cega nas extremidades.

A decoração é marcada por um friso que acompanha o desenho das vergas até a bandeira e ornatos de enchimento sob as janelas.

⁵⁹ PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. **Estudo arquitetônico do Saara.** s/d. mimeo. p. 3.

EDIFICAÇÃO : *Halfeld 322/324*

Casa Fernandes

Paulo Gawryszewski

O prédio enquadra-se na tendência do ecletismo mais singelo, correspondendo ao modelo tradicional de implantação da edificação no alinhamento do terreno e sobre as divisas laterais.

Nota-se que a fachada segue uma linguagem que se tornaria uma das principais características do ecletismo, que é a divisão vertical em segmentos, no caso tripartida, com a valorização do segmento central, que funciona como eixo de simetria, ladeado por duas pequenas alas.

Neste imóvel, observa-se o elemento central ligeiramente ressaltado:

... nas fachadas ecléticas de sobrados com implantação tradicional, sente-se que o gosto evolui numa tentativa de quebrar o tratamento bidimensional da fachada, através do uso de ornatos salientes, balcões volumosos ou ressalto de um tramo da fachada. ⁶⁰

Apesar das modificações ocorridas e da pintura, no pavimento térreo percebe-se a valorização do segmento central, através de aumento nas dimensões da porta central, bem maior que as laterais, as pilastras acompanhando o corpo superior, que avança com facha clássica sobre o terço, e das pilastras das extremidades do prédio imitando cantaria, de forma a transmitir solidez no embasamento, característica do ecletismo, fazendo a divisão da fachada corresponder àquela das colunas clássicas

⁶⁰ ALCÂNTARA, Dora Monteiro e Silva “Petrópolis: Arquitetura Contextual”. **II Congresso de História da Arte**, s/d. mimeo. p. 3

... a composição arquitetônica objetivava, assim dispor as diversas partes do edifício de forma harmoniosa e regular tal como as ordens arquitetônicas, se estabelecia o relacionamento proporcional entre as partes perseguindo a harmonia das proporções.⁶¹

O equilíbrio e a harmonia permanecem, apesar das modificações ocorridas. Ainda pode-se verificar no ritmo das janelas, com arco abatido no painel central, e com arco pleno nas alas laterais, nas pilastras insinuadas nas laterais da construção e no coroamento, que apresenta frisos e cornijas perfiladas, decoradas com modilhões alternados em dois e um no vão central, arrematado com platibanda retilínea, maciça e corrida.

⁶¹ PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. **Estudo arquitetônico do Saara**, op. cit., p. 3

Percebe-se que a vizinhança da Praça da Estação mantém uma certa unidade de edificações, que apresentam características próprias, que podem ser verificadas: no espaçamento das janelas, nas vergas ora em arco, ora retilíneas, na altura constante de suas platibandas e no trabalho cuidadoso de volumes que avançam das construções sobre o passeio, conforme citado anteriormente. Isto reforça a expressão conjunta deste somatório de exemplares de notável valor estético, que se destacam no contexto da arquitetura juizforana, que recentemente começa a ser conhecida e apreciada.

EDIFICAÇÃO: Rua Halfeld 332

Igreja Vida Nova com Jesus

Paulo Gawryszewski

A edificação em tela data do segundo quartel do século XX e segue o esquema de implantação tradicional

no lote, remanescente do período colonial, de alinhamento junto à via pública, aproveitando toda a testada do terreno e sobre as divisas laterais.

Seus traços formais predominantes enquadram-no no período eclético da arquitetura brasileira. De acordo com esta tendência, as edificações têm suas fachadas definidas por uma divisão em planos horizontais, que pode ser comparada à divisão das colunas clássicas. O pavimento térreo que destinava-se à atividade comercial era constituído de elementos construtivos que denotavam embasamento, solidez, concebido como base. O segundo pavimento, assoalhado que correspondia a parte nobre, servindo para abrigar as residências reportava-se ao fuste enquanto que o coroamento e a platibanda associava-se ao capitel.

A composição arquitetônica objetivava, assim, dispor das diversas partes do edifício de forma harmoniosa e regular

tal como as ordens arquitetônicas, se estabelecia o relacionamento pro-porcional entre as partes perseguindo a harmonia das proporções.⁶²

A edificação pertence à fase mais rebuscada do ecletismo e compõe certa unidade volumétrica e dos elementos decorativos, com prédio vizinho, o qual parece ter lhe inspirado, parte de um conjunto que provavelmente deveria repetir-se à sua esquerda (nº 342).

Apesar das modificações ocorridas no térreo, conservam-se as bandeiras em arco abatido, protegidas com grade de ferro forjado trabalhado.

Nota-se que a fachada segue uma linguagem do que se tornaria uma das principais características arquitetônicas do ecletismo, que é a divisão vertical em segmentos, no caso é tripartida, com valorização do

segmento central que funciona como eixo de simetria ladeado por duas pequenas alas laterais.

Neste segmento central, o balcão com balaustrada reforça a idéia de volume junto com as colunas endossadas que o circundam numa tentativa de quebrar o tratamento bidimensional da fachada. As colunas com caneluras e sinta moldurada no terço são sustentadas por mísulas decoradas com folhas de acanto em cascata. No sentido oposto aparecem capitéis e entablamento decorado, cornija perfilada, finalizada em frontão curvo interrompido por volutas e sobre este pináculos que vão sugerir uma verticalidade e perspectiva com ponto de fuga no infinito, como mostra a foto anexa.

O equilíbrio e a harmonia reflete todo o estudo de proporções realizado: na janela rasgada do balcão central em arco pleno, nas janelas rasgadas das alas laterais com

⁶²Idem.

verga retilínea e sobre verga em arco pleno compondo a fachada, nos balcões entalados em ferro forjado com desenho caprichoso destas janelas, nas bandeiras das portas no pavimento térreo alinhada com as janelas do pavimento superior, no entablamento ornamentado com figuras que lembram correntes e na platibanda em balaustrada com pináculos nas extremidades e no centro.

Vale ressaltar, que as janelas das alas laterais, com três folhas e bandeira dividida em três partes - duas básculas com vidro liso e uma pequena veneziana no centro - foi muito usual em edificações construídas à época, no Rio de Janeiro, hoje, raramente encontradas.

A rica decoração, além dos detalhes que já foram mencionados, composta por ornatos de enchimento no pavimento térreo que acompanham as formas dos arcos e pilastras, pilastras laterais com caneluras sustentadas por mísulas decoradas com folhas de acanto em cascata e

capitéis decorados, pilastras simples entre as janelas com ornatos, ombreiras na janela central, cártula ou cartela com a data da construção da edificação e outra em forma de pergaminho desenrolado com o nome da antiga empresa proprietária do imóvel : “ Cia Dias Cardoso”.

EDIFICAÇÃO: Rua Halfeld 337/343
Hotel São Jorge, Show Móveis e Chaveiro São José

Mônica C. Henriques Leite

A edificação em tela possui dois pavimentos: o térreo destina-se ao uso comercial (atuais Hotel São Jorge, Show Móveis e Chaveiro São José) e o superior, que abriga uso residencial. Ele se implanta no alinhamento do lote e não apresenta afastamentos laterais.

Representa um dos tipos de composição *Art Déco* especialmente marcado pela simetria na composição da fachada e no recorte das formas do coroamento.

Nota-se aqui como características típicas dos sobrados residenciais/comerciais da cidade: a divisão horizontal, que pode ser comparada àquela das colunas clássicas, onde o pavimento térreo refere-se à base, dando idéia de solidez e segurança, o segundo pavimento ao fuste e o coroamento do prédio ao capitel.⁶³ Diferentemente da linguagem eclética, vê-se, através do geometrismo puro e a eliminação do simbolismo dos elementos, a racionalidade industrial da produção em série e do racionalismo.

Verticalmente o prédio é dividido em quatro segmentos: dois centrais - marcados pela presença de três

⁶³ “A composição arquitetônica objetivava, assim, dispor as diversas partes do edifício de forma harmoniosa e regular. Tal como nas ordens arquitetônicas, se estabelecia o relacionamento proporcional entre as partes perseguindo a harmonia das proporções.” ALCÂNTARA, Dora Monteiro e Silva. **Petrópolis: arquitetura contextual**. Trabalho apresentado ao II Congresso de História da Arte.

vãos, sendo um deles uma janela rasgada - e dois balcões recortados, com trabalho em ferro, em formas simples de retas e curvas.

A volumetria e divisões internas do edifício obedecem aos princípios básicos do estilo, assim como o trabalho em ferro dos balcões, feito em formas simples de retas e curvas. A preocupação com os detalhes faz-se presente tanto nos acabamentos quanto na manutenção da harmonia das proporções, numa composição formal impressionante, apesar da extrema simplicidade.

Ao contrário dos demais edifícios do conjunto, não só o segmento central é destacado pela presença de balcões, mas também os laterais, que têm suas perspectivas ampliadas pela presença de elementos ascendentes da sobressalente platibanda.

EDIFICAÇÃO: *Halfeld 342* Antiga sede do PLASC

Paulo Gawryszewski

A construção data do início do século (1916). Segue o esquema de implantação tradicional, remanescente do período colonial, de alinhamento junto à via pública, aproveitando toda a testada do lote e sobre as divisas laterais.

Neste período, em que predominou o gosto eclético, as edificações têm suas fachadas marcadas por uma segmentação horizontal tripartida, que tem correspondência com às observadas nas colunas clássicas - com embasamento, fuste e capitel. Obedecendo esta ordem, a edificação se compõe de o pavimento térreo, que destinava-se à atividade comercial, era constituído de elementos construtivos que denotavam embasamento,

solidez, concebido como base. O segundo pavimento, assoalhado, que correspondia à parte nobre da construção, servindo para abrigar a residência ou escritórios, reportava-se ao fuste, enquanto que o coroamento e a platibanda associavam-se ao capitel, decoração de arremate e fechamento.

A composição arquitetônica objetivava, assim, dispor as diversas partes do edifício de forma harmoniosa e regular, tal como nas ordens arquitetônicas, se estabelecia o relacionamento pro-porcional entre as partes perseguindo a harmonia das proporções.

64

A edificação pertence à fase mais rebuscada do ecletismo. Compõe com o prédio vizinho um conjunto majestoso, o qual provavelmente deveria repetir-se simetricamente à esquerda.

Nota-se que a fachada segue uma linguagem do que se tornaria uma das principais características arquitetônicas do ecletismo, que é a divisão vertical em segmentos, no caso tripartida, com valorização do segmento central, que funciona como eixo de simetria, ladeado por duas pequenas alas laterais.

No térreo as portas de ferro (de enrolar) seguem essa orientação, apresentando um vão maior no centro e vãos menores nas laterais. Entre elas foram dispostas pilastras simples com base, fuste e capitel, marcando a sustentação da edificação. Nas portas verificam-se bandeiras em arco abatido, protegidas com grades de ferro trabalhado, que possibilitava a aeração e higienização do estabelecimento.

Neste segmento central, o balcão com balaustrada juntamente com as colunas endossadas, que o circundam, reforçam a idéia de volume:

⁶⁴ ALCÂNTARA, Dora Monteiro e Silva. op. cit. p. 3.

... nas fachadas ecléticas de sobrados com implantação tradicional, sente-se que o gosto evolui numa tentativa de quebrar o tratamento bidimensional da fachada, através do uso de ornatos salientes, balcões volumosos ou ressaltos de um tramo da fachada. ⁶⁵

As colunas com caneluras e cinta moldurada no terço, são sustentadas por mísulas decoradas com folhas de acanto em cascata. No sentido oposto, aparecem capitéis e entablamento decorados, cornija perfilada e frontão curvo, interrompido por volutas.

Realçando a monumentalidade da edificação, um torreão desponta imponente, coroado por uma cúpula com cobertura em escama arrematada ao alto por um pináculo. Suas faces são ornamentadas por quatro pilastras com capitéis, janela rasgada emoldurada, com verga em arco

⁶⁵ Prefeitura do Rio de Janeiro. **Estudo arquitetônico do Saara**, op. cit., p. 3.

pleno com chave, balcão entalado com grade de ferro, cornija, friso e arquitrave moldurados.

O equilíbrio e a harmonia revelam o apuro nas proporções. Estas qualidades podem ser percebidas nos mais diversos elementos tais como: a janela rasgada do balcão central em arco pleno, as janelas rasgadas das alas laterais com verga retilínea e sobreverga em arco pleno, compondo com a fachada, os balcões entalados em ferro forjado com desenhos caprichosos destas janelas, as portas do pavimento térreo alinhadas com as janelas do pavimento superior, o entablamento com ornatos que lembram correntes e a platibanda em balaustrada com pináculos nas extremidades.

Vale ressaltar as janelas das alas laterais, com três folhas e com bandeira dividida em três partes: duas básculas com vidro liso e uma pequena veneziana ao

centro, muito comum no Rio de Janeiro, é hoje encontrada com raridade.

A rica decoração, além dos detalhes que já foram mencionados, é composta por ‘ornatos de enchimento’ no pavimento térreo, que acompanham as formas dos arcos e pilastras, pilastras laterais com caneluras sustentadas por mísulas decoradas, ombreiras na janela central, cártula (ou cartela) contendo a data da construção e outra, em forma de pergaminho desenrolado, com o nome da antiga empresa proprietária do imóvel “Cia Dias Cardoso”.

Enfim, trata-se de um prédio ricamente decorado, representante de um ecletismo rebuscado, contemporâneo da Associação Comercial, que apresenta elementos típicos do padrão eclético em abundância, cuja perda deixaria uma lacuna insubstituível para o testemunho desse estilo em Juiz de Fora.

EDIFICAÇÃO: *Halfeld 360 e 368*

Hotel São Luiz e Farmácia América

Mônica C. Henriques Leite

O edifício em exame, que abriga um hotel (Hotel São Luiz), possui quatro pavimentos e está implantado nas divisas frontais e laterais do lote, colados aos seus vizinhos.

Ele apresenta traços característicos da tendência *Art Déco* da arquitetura brasileira, com elementos formais ‘modernistas’ bastante pronunciados.

Como é próprio da arquitetura juizforana, a composição formal baseia-se na simetria e harmonia das proporções, com destaque para o eixo central. Os avanços e recuos dos volumes na fachada conferem movimentação à mesma., já que a sobriedade das formas geométricas

empregadas sugere um resultado estético próprio da racionalidade do estilo.

Os vãos das janelas são marcados por frisos de linhas horizontais que, de certa maneira convidam o espectador a contemplar, também, os edifícios vizinhos que contam outras etapas da história da cidade.

Uma das características mais marcantes do Art Déco é a valorização do térreo com o emprego de materiais nobres e rebuscamento da serralheria, fundamentalmente nos acessos principais do prédio. Aqui, além da suntuosidade dos materiais - mármore e belíssima composição de ladrilhos hidráulicos - encontram-se elementos curvos, como caneluras, que sugerem o desdobramento do corpo do edifício no pavimento térreo, reforçando a importância que a ele estava sendo atribuída.

Suas janelas possuem venezianas de madeira, normalmente utilizadas na parte inferior de suas rótulas ou

dividindo os vidros das bandeiras, com o objetivo de permitirem a circulação de ar, mesmo que em pequena escala, no interior dos cômodos. Nesta construção as venezianas, também em madeira, foram empregadas como “barreiras”, que impedem a insolação direta. Pode-se dizer que este tipo de veneziana foi a precursora dos famosos *Brise Soleil*, que exerceram as mesmas funções e constituíram-se como um dos elementos sempre presentes nas obras do modernismo brasileiro das décadas seguintes.

EDIFICAÇÃO: *Halfeld 365/369*
RS Móveis

Raquel de Oliveira Fraga

A edificação situa-se no alinhamento da rua e sobre as divisas laterais do terreno. Possui dois pavimentos, o superior atende a função de moradia enquanto o inferior de

comércio. Os elementos ornamentais mostram traços característicos do período eclético da arquitetura brasileira.

A fachada do pavimento térreo possui um grande vão de entrada para atender o comércio e a do segundo é fragmentada em três painéis: um central e dois laterais, traço característico da tendência eclética. A ênfase no painel central, no presente caso é marcada pela disposição de balcão em ferro fundido, único para três janelas. Este apresenta forma curvilínea e apoia-se sobre modilhões.

O construtor deu uma forma diferenciada para os vãos dos painéis das extremidades, porém com ornamentação delicada, mostrando o cuidado de não retirar o destaque da parte central.

As janelas possuem vergas retilíneas, com esquadrias em madeira e vidro e com bandeiras na parte superior. O entablamento superior é feito com ornamentos ritmados em forma de misulas em apliques

florais. Já o inferior constitui-se por um friso perfilado. Os painéis laterais são compostos por janelas rasgadas em arco pleno com fecho de chave, arrematadas por um balcão entalado formado por balaustres em meia figura.

O coroamento difere da fachada, pois é retilíneo na parte central, e curvo, nas laterais. São dispostos pináculos no prolongamento das colunas, auxiliando na proposital diferenciação da parte central das laterais, sendo introduzido também, com os mesmos fins, um frontão em volutas com arremate de ferro no centro da platibanda.

A platibanda acompanha muito bem esta composição, atuando no efeito de verticalização juntamente com os pináculos, o frontão e o encabeçamento em arremate em ferro. Apesar de ser uma edificação pequena é bem composta, com simetria, bom gosto dentro dos padrões do ecletismo, além de pertencer a um conjunto de mesma época.

A reduzida escala deste prédio, devido ao tamanho frontal do terreno e número de pavimentos construídos, não o compromete enquanto interessante exemplar remanescente do período eclético e importante componente de todo o conjunto formado pelas diversas edificações que fazem deste local um lugar muito especial da cidade.

EDIFICAÇÃO: *Halfeld, 450*

Banco do Brasil

Paulo Gawryszewski

A cidade de Juiz de Fora é contemplada, em 1941, com um projeto de Oscar Niemeyer para o prédio do Banco do Brasil. Independentemente de ser de autoria

deste magnífico arquiteto, este prédio possui importância capital como exemplar das idéias referentes ao contexto histórico e arquitetônico da cidade. Para as gerações futuras encarna todas as premissas citadas, conforme mostra as plantas anexas. É a memória viva da transformação por que passou a arquitetura brasileira e internacional na cidade.

Nele podemos ver a estrutura livre, os esofrços que se localizam nos prumos dos pilotis, o pano de vidro, a modulação típica do modernismo, o mezanino em curva e o tijolo de vidro (que lembram o prédio do MEC) e o *Brise Soleil*, para controle da insolação, que esteve presente na arquitetura de um país tropical com muita luminosidade, como o nosso, entre os anos 40 e 50, tendo sido abandonado e substituído, pelo o uso intenso de condicionador de ar. Neste exemplo, ele apresenta a interessante característica de estar associado à veneziana.

Sua implantação em curva é solução muito adotada por Oscar Niemeyer, que vai aplicá-la, também, na Pampulha.

A solução formal apresentada para o prédio é, também, um marco para o Banco do Brasil, que até então construía suas agências como se fossem caixas-fortes, conforme a reportagem da “Revista Projeto”, que mostra a evolução da arquitetura do Banco em seus 180 anos de existência, organizada pelo Departamento de Administração do Patrimônio Imobiliário (DEPIM) e que percorreu diversas cidades do Brasil.

EDIFICAÇÃO: *Halfeld, 533*

BEMGE

Mônica C. Henriques Leite

A edificação em questão apresenta características próprias do estilo *Art Déco*, notando-se o emprego de elementos posteriormente utilizados em larga escala nas construções modernistas, como basculantes e tijolos de vidro. Apesar das paredes serem ainda ‘estruturais’, o térreo sugere pilotis, uma das principais propostas modernistas.⁶⁶ Outra novidade que apresenta é a cobertura plana, em laje.

A fachada é marcada pela simetria, mantendo um ritmo na composição que traz uma perfeita harmonia de proporções. A vista frontal do prédio apresenta três segmentos verticais: um vão central, maior e mais recuado, e dois segmentos laterais, que podem ser considerados

⁶⁶ Paredes estruturais são aquelas que sustentam as cargas dos pavimentos superiores e da cobertura. No modernismo a estrutura de sustentação do prédio passa a ser independente das paredes, isto é, apoia-se em pilares e vigas mantendo as paredes apenas com funções de vedação.

como desdobramentos do central. Tal efeito, evidenciado pela utilização de colunas nas quinas laterais origina-se na “linguagem clássica” da arquitetura, e tem como objetivo conferir certa mobilidade à fachada.⁶⁷ A platibanda destaca o centro e sugere ascendência, o que amplia sua perspectiva e acentua a monumentalidade.

Externamente, o pavimento térreo é tratado em mármore e nota-se o trabalho caprichoso da serralheria no emprego de janelas “avental”.⁶⁸ Os espaços interiores apresentam, também, traços característicos do Art Déco, assim como o mezanino em forma de amebóide, que permite um maior aproveitamento do espaço. Destaca-se

⁶⁷ O jogo de segmentos verticalmente marcados, através de movimentos de protuberância-reentrância das fachadas, é um traço Art-Deco que derivará nos conceitos de “rítmo”, “movimento”, “jogo de claro-escuro” e etc, proposto no contexto modernista

⁶⁸ Assim chamadas devido aos detalhes utilizados sob o peitoril originados de tratamentos empregados em edifícios portugueses do século XVII e alguns presentes em Salvador

igualmente o acabamento dado às vigas, como que emoldurando-as.

Os caracteres acima evidenciados formam um conjunto de elementos sutilmente empregados e que tornam singular a arquitetura deste edifício: uma “brincadeira” deco-modernista. Esta parece homenagear os estilos que inspiraram a arquitetura da cidade e, principalmente, aquele que estava sendo introduzido no novo mundo industrial: o modernismo.

Nesse sentido, a preservação deste prédio, para além dos aspectos de importante elemento, parte de um conjunto maior que expressa e narra a etapa industrializante da evolução da cidade. Constitui-se como exemplar capaz de, através da observação das características de suas formas, contar um pouco sobre a história do Art Déco, em Juiz de Fora, no Brasil e até no mundo.

**EDIFICAÇÃO: *Rua Halfeld 559,*
esq. Batista de Oliveira 561
Drogaminas**

Raquel de Oliveira Fraga

Edificação em três pavimentos, assentada em lote de esquina e ocupando os limites do terreno. A fachada é repartida em três: duas relativas às ruas Halfeld e Batista de Oliveira respectivamente, e a terceira formada pelo chanfro da esquina. O pavimento inferior tem uso comercial (farmácia “Drogaminas”) e os demais abrigam moradas.

Seus traços predominantes, abaixo destacados, revelam características típicas da etapa eclética da arquitetura juizforana. Constitui um interessante exemplo desta tendência, apresentando composição bastante harmoniosa, de formas elegantes e ornamentação bem elaborada.

O primeiro pavimento apresenta portas de aço, com grandes vãos para atender o comércio, com bandeiras de ferro trabalhado, ladeadas por altas colunas toscanas interrompidas pelo entablamento arrematado por dois frisos.

No segundo pavimento, os vãos são maiores e distribuídos na fachada em seqüência rítmica. Todas as janelas deste pavimento são rasgadas por inteiro, possuindo vergas em arco abatido, arrematadas por um balcão de ferro fundido entalado.

O entablamento é feito com um fecho de chave no arco e ornamentação sobre as janelas, que são, igualmente, ladeadas por colunas.

As colunas centrais são lisas, portando frisos na parte superior e capitel, que possui dupla função de sustentação e de coroamento. Já os pilares laterais são

trabalhados em alvenaria representando cantaria e se precipitam até o entablamento, situado no último andar.

No pavimento superior, a composição dos vãos é a mesma, apenas com alternância entre janelas de peitoril e janelas rasgadas por inteiro, guarnecidas por sacadas salientes e encurvadas, também em ferro fundido.

A ornamentação deste pavimento é feita pelas molduras das janelas, em argamassa com elementos em volutas na parte inferior e superior. Os pilares centrais obedecem ao alinhamento dos pilares da parte inferior e possuem caneluras (3 frisos) O capitel, coincidente com o entablamento superior, é ornamentado com frisos perfilados e elementos pendentes em forma de cordões de flores interrompidas por consoles ritmados que acompanham o resto da composição.

O painel do chanfro é delimitado por pilastras semi-embutidas, esguias, que vão do primeiro ao terceiro

andar. Elas apresentam capitel jônico, arrematado por um frontão interrompido encimado por uma cornija que se eleva encurvada, recebendo, ao centro, uma cartela, que atravessa de um plano para outro, com data de construção de 1913. Um cordão de flores ornamenta a parte inferior. Possui uma janela dupla no terceiro pavimento, com verga em arco pleno.

O coroamento é em forma de trapeira com janela rasgada e esquadria de madeira e vidro com fechamento em balcão de ferro entalado. Verificam-se diversos tipos de colunas, que diferem por detalhes tais como:

- capitel toscano, que aparece desde o pavimento comercial até o intermediário;
- capitel ornamentado (muito usado na arquitetura clássica);

- coluna que possui capitel com funções de coroamento e sustentação, que aparecem no pavimento intermediário e superior;
- pilastras que simbolizam cantaria, aparecem nas extremidades e vão do início ao final do prédio.

As esquadrias são de madeira e vidro com bandeiras e se diferenciam nos tipos:

- de duas folhas com vidro na frente e madeira atrás;
- de duas folhas de vidro com acabamento em madeira, rasgadas por inteiro;
- janelas em arco pleno (são duas) com desenhos variados nas esquadrias.

O gradeamento do prédio é em ferro fundido, apresentando desenhos muito delicados. Nas bandeiras das portas de comércio representam trepadeiras floridas; nos balcões do segundo andar, flores com hastes, e no balcões do terceiro pavimento, arabescos bastante elaborados.

A única modificação que encontramos com relação à forma original, foi a retirada de uma cúpula de zinco que ficava atrás do coroamento. Esta parece não ter provocado grande alteração na composição, devido ao local de pouca visibilidade em que se encontrava.

Pela interligação dos elementos, notamos que o "arquiteto-construtor" elaborou desde o volume até o gradil que se interliga. Notamos que em toda construção há zelo e coerência de formas, interpretadas de várias maneiras, como por exemplo a fita do entablamento que se repete, também, na esquadria do último andar do chanfro.

Os vãos são bem compostos com diferentes tamanhos de um andar para outro mostrando preocupação do construtor em não torná-los repetitivos. As esquadrias têm desenhos diversos, mas mantendo a mesma estrutura, sugerindo terem sido desenhadas por uma mesma pessoa.

A composição elaborada, marcada por balcões existentes em todo um pavimento e, de maneira alternada em outro, demonstra que o projetista detinha o domínio para inovar sem descaracterizar.

As pilastras das extremidades, desde o pavimento térreo até o último, fazem a delimitação, com o auxílio do "peso" da representação de cantaria. Já nas colunas centrais nota-se pilares ora coroados, ora sustentadores de elementos.

As colunas embutidas do chanfro com capitéis soltos dão destaque nobre a este painel, juntamente com as esquadrias. A solitária janela no telhado nos leva a fantasiar a existência de mais um andar devido à ênfase na verticalização.

O auge da criatividade e da noção espacial deste nobre construtor são os ornatos (a cartela com data e a

parte inferior dos balcões) que aparecem, atravessando de um plano para outro.

EDIFICAÇÃO: *Rua Halfeld 580* Drogaria Dia e Noite

Raquel de Oliveira Fraga

A edificação está implantada no alinhamento da rua e sobre as divisas laterais do terreno. Possui dois pavimentos: o superior atende função de moradia e o inferior, de comércio abrigando, atualmente, a “Drogaria Dia e Noite”. Os elementos ornamentais são em linguagem clássica com bastante liberdade de ornatos, o que identifica o prédio com o período eclético.

A parte inferior assemelha-se muito às características originais, apenas com acréscimo de letreiro e marquise em ferro. As portas que servem ao comércio possuem grandes vãos e são ladeadas por alvenaria

trabalhada em forma de cantaria, com arremate em pedra na parte lateral e inferior. A parte central é ornamentada com pilares canelados embutidos, encimados por formas em carrancas muito bem trabalhadas.

Como de costume nas obras de melhor padrão econômico da sua época, sua parte central é destacada (balcão, coroamento e elementos).

As janelas possuem bandeiras de ferro fundido em formas geométricas, vidro na face externa e veneziana na interna. Elas são ladeadas com ornamentos imitando pedra, também encontrados na parte inferior e nos pilares laterais.

Logo acima das janelas, há um friso perfilado e modilhões de sustentação dos balcões entremeados por retângulos em argamassa. No alinhamento dos pilares são colocados pilaretes.

O segundo pavimento segue a mesma composição do primeiro, possuindo janelas tripartidas arrematadas por balcões de ferro fundido bem elaborado. A moldura é em argamassa com pequenas moedas pendentes na parte superior e fechamento central com ornamento em cara de leão. Os painéis são delimitados pelos mesmos pilares canelados que vão afinando na parte superior até encontrarem o capitel, que recebe a figura de um leão e uma porta luminária em ferro ornamentado.

O entablamento constitui-se de painéis retangulares, guardando a mesma seqüência anterior, em forma quadrada. Nas partes superiores dos pilares o entablamento recebe tratamento mais detalhado, onde serão colocados pináculos em fase posterior.

O coroamento é feito por elementos vazados. No painel do chanfro o coroamento é enfatizado por meio de uma espécie de trapeira com janela de verga retilínea,

guarnecida por ornatos sinuosos e arrematada com a cornija perfilada apoiada sobre consoles. A platibanda é encurvada e coroada por pináculos na extremidade, apresentando maiores dimensões na parte central.

No painel do chanfro, a janela se distingue por ser bipartida, arrematada por balcão de ferro fundido de cuidadoso apuro, tendo o teto da sacada decoração própria. Esta janela forma um par interessante com a do prédio da Halfeld n° 559, pois ambas possuem coroamentos semelhantes enfatizando a verticalidade. As pilastras estucadas, a platibanda e a janela solitária do telhado auxiliam na verticalização do edifício.

Concluindo, o prédio em questão possui composição rítmica e equilibrada, com ornamentação bem elaborada e produzida. Nota-se a unidade formal seja pela mesma linguagem de formas do primeiro até o último pavimento, seja pela ornamentação, que é praticamente a mesma em

ambos os pavimentos, com uma peculiar composição no entablamento inferior, que repete os mesmos símbolos de maneira mais "suave" (ou com dimensões mais reduzidas), na clara intenção de manter unidade.

Ele é de tendência claramente eclética, mas já com traços mais geométricos (retas, circunferências) e rígidos, que embora suavizados como na colocação das carrancas, demonstra o início da fase Art Déco do conjunto arquitetônico onde se situa, que se afirmaria mais tarde.

Com exceção do letreiro e marquise, a versão original deste prédio encontra-se praticamente inalterada desde sua construção, no início do século, o que lhe confere especial interesse para estudos e apreciação do gosto eclético do início do século em nossa cidade.

RUA MARECHAL DEODORO

EDIFICAÇÃO: *Rua Marechal, 31* Cacareco Móveis

Paulo Gawryszewski

Implantada no alinhamento da via pública, a edificação segue o padrão utilizado no Hotel Renascença, do qual é vizinho e parte integrante. O pavimento térreo possui ocupação comercial no térreo e residencial (quartos) no superior. Alinha-se com o sistema compositivo de orientação Art Déco.

A construção adota a valorização do segmento central, que funciona como eixo de simetria da composição, ladeada por duas pequenas alas laterais.

Neste painel central, conforme podemos ver na foto anexa, no térreo existe um vão, com bandeira, que leva ao do pátio interno do Hotel Renascença. No pavimento

superior, há um par de janelas alongadas com bandeira de verga reta e com peitoril ornamentado com figuras geométricas pequenas. Arrematando este painel há uma platibanda com quadro saliente maior, que possui ornamento em baixo relevo. As pilastras perfiladas estendem-se do piso até a platibanda delimitando os painéis da fachada.

Simetricamente ao segmento central, aparece um balcão de alvenaria com trabalho de serralheira, apoiado em mísulas estilizadas, com uma janela rasgada e, em seguida, nova janela simples com detalhes sob o peitoril com ressaltos geométricos.

Arrematando a fachada, quadros salientes com faixa perfilada na face inferior, estabelecem o mesmo ritmo observado na platibanda do Hotel Renascença.

Percebe-se que a vizinhança da Praça da Estação conserva uma certa unidade compositiva das edificações,

com suas características próprias, tais como : espaçamento das janelas, vergas ora em arco ora retilínea, a altura constante da platibanda e o trabalho cuidadoso de volumes que avançam das construções sobre o passeio.

EDIFICAÇÃO: *Marechal Deodoro, 80/92*

Pavan

Raquel de Oliveira Fraga

A edificação apresenta implantação no limite do lote e possui dois pavimentos: o pavimento térreo, destinado ao uso comercial, que hoje abriga a loja “Pavan”, e o segundo pavimento, de uso residencial. Seus traços formais predominantes, salientados a seguir, enquadram-se nos típicos padrões do período eclético da arquitetura.

O pavimento térreo possui grandes vãos, a fim de atender o comércio. Uma porta lateral oferece acesso ao

andar superior. Esta possui bandeira em ferro e vidro, exigida, à época, pela Prefeitura Municipal para facilitar a ventilação do estabelecimento comercial.

A fachada é dividida em sete segmentos, sendo seis destes iguais dois a dois, das extremidades para o centro, além do painel central que se distingue dos demais por meio de elementos decorativos abaixo indicados.⁶⁹

Há, portanto, quatro diferentes tipos de painéis, conforme descrito a seguir:

- os dois das extremidades: apresentam apenas uma janela de peitoril com moldura em argamassa;

⁶⁹ Conforme solução usual à época, a parte central é enfatizada através da colocação de elementos que criam volume (balcão de alvenaria ou ferro, colunas jônicas e pórtico), verticalidade (frontão, pináculo e colunas) e ornamentação com o enchimento das paredes com detalhes decorativos, visando a criação de um cenário, bem como a utilização do ferro, material que significava o avanço tecnológico à época.

- os dois a seguir, compostos de uma porta com balcão em alvenaria vazado com ferro trabalhado;
- os dois mais internos, que possuem duas janelas de peitoril intermediárias com moldura em argamassa;
- e a parte central, constituída por uma porta emoldurada, arrematada por um balcão de alvenaria com balaustres trabalhados e ornatos florais. É ladeado por duas colunas jônicas que sustentam um pórtico com data MCM XXIX, trabalhado de forma requintada com um ornamento com cara de leão na parte central, e dois pináculos nos cantos e arremate central em argamassa, juntamente com o frontão e a platibanda.

O entablamento intermediário é marcado por um friso horizontal recortado por consoles suntuosos, que apoiam os balcões, arrematados por carrancas e pilastras endossadas com duplo capitel toscano.

O pavimento superior possui um detalhe pitoresco : aparece uma sugestão de capitel toscano, sem que existam as colunas correspondentes, como uma referência bastante resumida da composição formal das colunas clássicas.

O coroamento do prédio é arrematado por perfis e platibanda, sendo esta última retilínea e ornamentada com pilaretes e pináculos nas extremidades.

A parte central mostra um frontão triangular, com ornato central em forma de concha e elementos pendentes. Sua parte inferior é constituída por balaustrada ornamentada com elementos em forma de pequenas flores e ladeadas por medalhas trabalhadas.

As molduras salientes, no entablamento superior, correspondentes às linhas dos cunhais e das extremidades do frontão, sugerem a essa fachada uma organização

tripartida conforme o gosto eclético.⁷⁰ Também a ornamentação - que apresenta variados elementos clássicos (frontão, pilares e apliques trabalhados) - é típica do ecletismo que normalmente se compõe usando vários estilos.

O edifício se manteve quase que inalterado desde a sua construção, tendo sido verificadas alterações apenas nas esquadrias dos pavimentos inferior e superior e nos materiais de acabamento.

Esta edificação apresenta aspectos formais típicos do período eclético, do final do século passado e início deste, com ornamentação, ocupação do lote e utilização de comércio no pavimento térreo, e morada no superior, com o uso de materiais, então novos, como o ferro, e tratamento plástico mais apurado, visando sua

⁷⁰ Número inspirado na segmentação das colunas clássicas: base, fuste e capitel.

diferenciação com a etapa anterior, de arquitetura mais singela, e ressaltando sua identidade com a burguesia e a indústria nascente.

EDIFICAÇÃO: *Marechal Deodoro*

102/104/108

Relojoaria Patrícia, Gráfica Brasília e A Cabocla

Mônica C. Henriques Leite

O edifício em questão possui 2 pavimentos; o andar térreo tem uso comercial, abrigando atualmente a loja “A Cabocla”, sendo que o segundo se destina ao uso residencial. Sua implantação no lote obedece ao modelo tradicional, com a fachada seguindo o alinhamento da via pública e aproveitando toda a testada do terreno.

Sua arquitetura constitui-se em um dos tipos de composição Art Déco baseado principalmente na simetria e no recorte das formas. Encontram-se aqui, duas das características mais marcantes da arquitetura dos sobrados residenciais/comerciais da cidade, herdadas das estruturas de edificação neo-colonial, mantidas na fase eclética e que aparecem ainda no período Art Déco da arquitetura, tendo sido rompida apenas nas massas volumétricas soltas no terreno, propostas pelo modernismo:

- a divisão horizontal da fachada em três segmentos, com analogia nas partes constituintes das colunas clássicas: onde o pavimento térreo refere-se à base da coluna, dando idéia de solidez e segurança ao conjunto, o 2º. pavimento ao seu fuste e o coroamento ao capitel; e
- a ascendência provocada pela utilização de elementos ‘verticalizantes’, o que amplia sua perspectiva e acentua sua monumentalidade.

Os vãos laterais, de dimensões maiores, têm os peitoris marcados por elementos verticais e horizontais, que ressaltam da fachada.

O destaque dado ao segmento central fica por conta dos balcões em balanço e das janelas rasgadas, divididas em três pequenos vãos. Nota-se um apurado trabalho nas bandeiras das janelas e das portas do pavimento térreo, que ainda possuem uma espécie de moldura, que as delimita.

O pó-de-pedra, próprio da linguagem de acabamento da tendência Deco, confere uma certa sobriedade à fachada que, ainda assim, não perde a graciosidade devido à perfeita harmonia das proporções. Os elementos horizontais que fazem parte de sua composição (marcando a platibanda em toda sua extensão), conduzem o olhar à direção horizontal, convidando o espectador a contemplar, também, a parcela da história contada pelo restante dos edifícios do conjunto.

EDIFICAÇÃO: *Marechal Deodoro, 118*
Restaurante Macrobiótico

Raquel de Oliveira Fraga

A edificação em tela é implantada no alinhamento da rua e sobre as divisas laterais do terreno. Possui dois pavimentos: atende a função de moradia e o inferior de comércio, onde funciona um restaurante. A estrutura volumétrica e composição das fachadas deste prédio enquadram-se em uma linguagem tipicamente clássica. E, apresenta elementos ornamentais com bastante liberdade de forma, traços característicos do período eclético da arquitetura, que predominava no Brasil e no mundo, à época de sua construção.

Seguindo os padrões do ecletismo, a fachada é dividida em três segmentos, com ênfase na parte central. Esta é obtida, no caso em questão, através da colocação de

elementos que criam volume (balcão de alvenaria), verticalidade (frontão, pináculo central e lateral) e ornamentação (por meio do enchimento das paredes com detalhes decorativos), usando elementos para criar um cenário, e utilização do ferro, material que representava o avanço tecnológico da época.

No pavimento térreo abre-se um amplo vão para atender ao comércio e, na lateral esquerda, uma porta dá acesso ao pavimento superior. Ela é estreita, trabalhada em madeira com ferro e vidro centrais em duas folhas, possuindo também bandeira.

Na parte superior os vãos são apenas três; possuem esquadrias de madeira e vidro. A bandeira é constituída de vidro verde nas laterais e persiana central. A janela central é rasgada e arrematada por um balcão de alvenaria vazada, guarnecida por grade de ferro com desenho geométrico.

As janelas laterais sugerem um balcão entalado através da ornamentação em argamassa recebida; são ladeadas por colunas com capitéis toscanos nas extremidades. Os pilares centrais são mais simplificados, recebendo flores pendentes. No entablamento superior aparece um friso retilíneo, painéis retangulares e o ano de “1924”, provável data de sua construção.

A platibanda é retilínea, possuindo painéis retangulares e ornato central, com pináculos laterais e um frontão curvilíneo que recebe uma concha central em argamassa.

A reduzida escala física deste prédio, originada na estreita testada do terreno e pouco números de pavimentos construídos, não compromete sua importância como exemplar de edificação tipicamente eclética do período de virada do século até os anos 20, cujos traços característicos mostram-se na ornamentação, na ocupação do lote, na

forma diferenciada de tratamento dos pavimentos inferior e superior, nos materiais melhores e plasticidade trabalhada no sentido de marcar diferenciações de tratamento no espírito eclético, assim como nos demais elementos evidenciados na presente avaliação.

EDIFICAÇÃO: *Marechal Deodoro, 120/128*
(Diversões 120)

Raquel de Oliveira Fraga

Possuindo características que se enquadram nos padrões do eclétismo, este prédio é construído no alinhamento do terreno e possui dois pavimentos: o primeiro com função comercial (abriga a loja “Diversões 120”) e o segundo atendendo ao uso residencial.

A edificação possui fachada mais extensa que o usual, é dividida em cinco partes, sendo, como ao gosto

eclético, o segmento central enfatizado por meio da colocação de elementos que criam volume (balcão de alvenaria ou ferro, colunas jônicas e pórtico), verticalidade (frontão, pináculo e colunas) e ornamentação com o enchimento das paredes, usando elementos para criar um cenário.

No pavimento térreo abre-se um amplo vão para atender ao comércio e, na lateral esquerda, uma porta estreita dá acesso ao pavimento superior. Esta é trabalhada em madeira, ferro e vidro, possui em duas folhas e bandeira.

No pavimento superior, a parte central apresenta duas janelas rasgadas, encabeçadas por um pórtico, que recebe uma medalha central datada do ano de 1926, apoiado sobre duas colunas jônicas, ornamentadas com apliques florais e arrematadas por um balcão de alvenaria em balaustrada. Este balcão engloba duas portas em arco

pleno com bandeira e esquadrias de madeira trabalhada e vidro, como as demais.

Os painéis intermediários possuem cada um uma janela de peitoril em arco pleno com moldura em argamassa e um ornato pendente sobre esta. Os painéis das extremidades possuem janelas de peitoril arrematados por balcões entalados de alvenaria com balaustrada e moldura em baixo relevo. As esquadrias destes vãos recebem um medalhão circular na bandeira.

O entablamento intermediário é feito com um friso recortado por consoles bem ornamentados, que ajudam a ressaltar a sustentação do balcão, e bandeiras em ferro com função inicial de ventilar o estabelecimento comercial.

O entablamento superior é constituído por um friso interrompido pelos painéis das extremidades, que por sua vez são delimitados por pilares, que sugerem ser

constituídos em cantaria, arrematados, e com elementos pendentes.

O coroamento é feito pela platibanda que acompanha os painéis, sendo circular nas extremidades, retilíneo nos painéis intermediários e triangular acima do pórtico, com dois pináculos ladeando o segmento central.

Edificação típica do final do século passado e início deste, que se mostra nos elementos destacados na presente avaliação, tais como: elementos decorativos e ornamentações, ocupação do lote e utilização de comércio no pavimento térreo, área, uso de materiais mais sofisticados, como o ferro e o vidro, plasticidade das formas a fim de destacar uma diferenciação entre as funções exercidas nos dois pavimentos, assim como para ressaltar a centralidade da fachada, como ao gosto eclético.

A composição é bem trabalhada, simétrica e equilibrada. Manteve a maioria das características

originais, principalmente no segundo pavimento e a porta de acesso principal. O único elemento que parece não ter-se mantido original é o material de acabamento do primeiro pavimento, que não chega a descaracterizar os elementos marcantes do prédio, acima ressaltados.

Juntamente com a edificação ao seu lado, nº 118 forma um par através de características comuns e tonalidade, nos levando a acreditar que configuram uma mesma construção.

EDIFICAÇÃO: *Rua Marechal Deodoro 194/202*
Casa Chic, Casa dos Enxovais e Clínica Dentária

Mônica C. Henriques Leite

O prédio em análise possui dois pavimentos, sendo o térreo ocupado por uso comercial (Casa dos Enxovais, Casa Chic, Clínica Dentária) e o superior abrigando uso

residencial. Ele encontra-se implantado nas divisas do lote, colando-se aos vizinhos laterais, com os quais guarda unidade de volumetria e composição.

Ele representa uma das variantes de composição do Art Déco baseada principalmente na simetria e predominância dos cheios sobre os vazios. Um aspecto muito interessante da arquitetura de suas formas é que a sua monumentalidade não se revela pela utilização de elementos verticais, como na maioria dos exemplos do Art Déco na cidade, mas por sua horizontalidade acentuada.

A fachada pode ser dividida em três segmentos verticais, com destaque para o central. Apesar de apresentar platibanda e vãos em formas muito simples, estas desdobram-se nos segmentos laterais.

O efeito provocado pelas formas curvas nas quinas, é utilizado para provocar certa mobilidade à fachada. Os balcões vazados e as bandeiras das portas do pavimento

térreo, recebem um caprichoso trabalho em ferro fundido, típico da serralheria da época.

Constitui um exemplo muito interessante da linguagem deste período, apresentando, inclusive, desenhos de recorte e ornamentação inovadores na racionalidade e geometrismo do estilo. O pó de pedra, próprio do acabamento ao gosto Art Déco, confere certa sobriedade à fachada que, ainda assim, não perde a graciosidade devido à perfeita harmonia das proporções.

Externamente, o passeio conserva, ainda, o revestimento de ladrilho hidráulico, material amplamente utilizado na fase Art Déco.

EDIFICAÇÃO: *Marechal Deodoro, 250* Paulistana

Mônica C. Henriques Leite

O prédio em análise constitui-se de dois pavimentos, sendo o térreo ocupado por uso comercial (Paulistana), e o superior abrigando uso residencial. Ele encontra-se implantado nas divisas do lote, colando-se aos vizinhos laterais, com os quais guarda unidade de volumetria.

Este prédio possui singular fachada assimétrica, diferentemente da maioria dos exemplos Art Déco na cidade. Ela se divide em dois segmentos, cada qual representando um terço e dois terços do conjunto, respectivamente, que se diferenciam por elementos decorativos conformados em retas horizontais e verticais, em baixo relevo, como ao gosto da época. Elementos semelhantes são encontrados com frequência nas edificações da Rua da Carioca (Corredor Cultural), um

dos principais conjuntos arquitetônicos tombados do Rio de Janeiro.

Esta diferenciação dos dois painéis da fachada são marcadas, basicamente, pela existência de balcões situados no segmento de um terço e *Bay Windows*,⁷¹ configurando os dois terços restantes desta.

Nota-se um permanente jogo de “cheios-vazios”, “altos-baixos” na composição de sua fachada, o que lhe confere linguagem própria. O trabalho dos elementos geométricos da platibanda, ao mesmo tempo que ampliam sua perspectiva, convidam o espectador a contemplar, também, a parcela da história contada pelo conjunto de edificações.

⁷¹Denomina-se *Bay Window* o avanço de uma parte da fachada do restante do painel, permitindo a obtenção de janelas laterais em ângulo (chanfros), que possibilitam duas novas entradas de ar, transformando uma janela única em três.

O Hall de entrada do primeiro pavimento, terminando no balcão do segundo, é muito encontrado em sobrados cariocas, mas se constituem num dos únicos exemplos remanescentes na cidade de Juiz de Fora.

O piso do pavimento térreo conserva, como revestimento, o ladrilho hidráulico, material amplamente empregado na cidade, tanto em pisos internos como externos.

EDIFICAÇÃO: *Marechal Deodoro, 252/254*
Loja Alvorada

Raquel de Oliveira Fraga

O prédio está implantado no alinhamento do terreno e possui dois pavimentos: o pavimento térreo, voltado ao uso comercial, e o pavimento superior destinado a abrigar a moradia.

A edificação enquadra-se na tendência eclética da arquitetura brasileira e é de escala física reduzida, devido à estreita testada do lote onde se implanta. Mostra ênfase da parte central, evidenciada através de balcão que provoca o aparecimento de volume.

A fachada é simétrica com diferentes tipos de vãos: centrais e laterais. Os painéis das extremidades, na parte superior, possuem janela de peitoril com retângulos sobre as mesmas, insinuando balcões entalados. O painel central possui duas portas separadas por um ornato em retângulo, arrematadas por um balcão de alvenaria com balaustres. As esquadrias desse prédio são bem desenhadas em madeira e aparece o uso de cor nos vidros.

No pavimento térreo, a fachada apresenta uma grande abertura para o comércio e porta lateral de madeira almofadada com ferro e vidro central e bandeira.

O seu entablamento é ornamentado em três painéis: dois laterais, em pequenos retângulos com textura enrugada, e um retângulo central em baixo do balcão com o mesmo material. Ele possui um friso perfilado, painéis retangulares com texturas, ladeados na extremidade pela cornija e pelos pilares de cantaria.

A platibanda arremata a fachada com frontão, trazendo maior verticalidade. Esta também é dividida em três partes, acompanhando o restante da edificação, marcada por pilaretes com dois medalhões laterais e parte central, arrematada por um frontão, que apresenta medalhão semelhante aos citados, na parte central, porém maior em tamanho.

A reduzida escala física deste prédio, originada na estreita testada do terreno e pouco números de pavimentos construídos, não compromete sua importância como exemplar de edificação tipicamente eclética do período de

virada do século até os anos 20, cujos traços característicos mostram-se na ornamentação, na ocupação do lote, na forma diferenciada de tratamento dos pavimentos inferior e superior, nos materiais melhores e plasticidade trabalhada no sentido de marcar diferenciações de tratamento no espírito eclético, assim como nos demais elementos evidenciados na presente avaliação.

EDIFICAÇÃO: *Marechal Deodoro, 260*
Supermercado Bellini

Paulo Gawryszewski

Seus traços formais predominantes enquadram-no no período eclético da arquitetura brasileira. De acordo com esta tendência, as edificações têm suas fachadas definidas por uma divisão em planos horizontais, que pode ser comparada à divisão das colunas clássicas. O pavimento térreo que destinava-se à atividade comercial era

constituído de elementos construtivos que denotavam embasamento, solidez, concebido como base.

O segundo pavimento, assoalhado que correspondia a parte nobre, servindo para abrigar as residências reportava-se ao fuste enquanto que o coroamento, a platibanda associava-se ao capitel.

A composição arquitetônica objetivava, assim, dispor das diversas partes do edifício de forma harmoniosa e regular tal como as ordens arquitetônicas, se estabelecia o relacionamento pro-porcional entre as partes perseguindo a harmonia das proporções.⁷²

A edificação é um exemplo do ecletismo mais rebuscado, apresentando rica decoração de guirlandas, folhas de acanto em cascata, concha e ornatos pendentes.

⁷²Idem.

Nota-se que a fachada segue uma linguagem do que se tornaria uma das principais características arquitetônicas do ecletismo, que é a divisão vertical em segmentos. No caso essa divisão é tripartida, com valorização do segmento central, que funciona como eixo de simetria ladeado por duas pequenas alas laterais.

A ênfase no segmento central é marcada, também, por uma larga pilastra ornamentada com elementos pendentes e folhas de acanto em cascata funciona como eixo de simetria da composição. Há, de cada lado, uma janela de madeira e vidro, com balcão entalado e ornamentado por guirlandas ladeada por pilastra decorada com elementos pendentes, induzindo a uma verticalização com a verga em meio arco e sobreverga decorada com fitas e flores. O sentido de ascensão continua no friso e na cornija perfilados e curvos arrematado por pequeno frontão na platibanda e sobre esta pináculos.

Os painéis laterais são compostos por um par de janelas rasgadas de vergas retas abraçadas por um balcão apoiado sobre bacia e protegido por guarda corpo de balaustre de massa, retilíneos. Arrematando as extremidades, uma pilastra com base, fuste e capitel decoram-nas com ornatos pendentes.

O entablamento é decorado com ornatos diversos: além do friso temos uma volumosa cornija perfilada, arrematada por telas francesas que protegem a fachada das águas pluviais.

Finalizando a fachada, a platibanda maciça segmentada por montantes, tripartida como a composição, exhibe uma decoração com guirlandas e sob o pequeno frontal central uma concha raionada.

EDIFICAÇÃO: *Marechal Deodoro 268,*
esq. Rua Getúlio Vargas
Jodac

Paulo Gawryszewski

A edificação está implantada em lote de esquina no alinhamento das duas ruas, sendo constituído de dois pavimentos.

Neste período, ao gosto eclético, as edificações têm sua construção definida por uma divisão horizontal que pode ser comparada a divisão das colunas clássicas. O pavimento térreo que destinava-se a atividade comercial, era constituído de elementos construtivos que denotavam embasamento, solidez, concebido como base.

O segundo pavimento, assoalhado, que correspondia a parte nobre servindo para abrigar as residências, reportava-se ao fuste enquanto que o coroamento, a platibanda associava-se ao capitel,

A composição arquitetônica objetivava, assim dispor as diversas partes do edifício de forma harmoniosa, se estabelecia o relacionamento pro-ponderal entre as partes perseguindo a harmonia das proporções.⁷³

O imóvel pertencente ao ecletismo com forte conotação classicizante possui elementos construtivos marcantes como as colunas jônicas do balcão do chanfro, o frontão triangular apoiado na cimalha – com arquitrave, friso e cornija e as pilastras duplas de vocabulário clássico do maneirismo italiano que vai aparecer no Brasil com a imigração italiana.

Nota-se que a fachada segue uma linguagem do que se tornaria uma das principais características arquitetônicas do ecletismo, que é a divisão vertical em

⁷³Idem.

segmentos, no caso é tripartida para cada um dos logradouros, com valorização do segmento central, ladeada por duas alas laterais proporcionais.

No térreo, permanecem as pilastras com base, fuste com ranhuras que imitam cantarias e com capitel, que mostram a solidez do embasamento e as bandeiras das portas.

Tanto a fachada para a rua Marechal Deodoro quanto a fachada da Av. Getúlio Vargas obedecem à mesma solução plástica de marcação do segmento central através do balcão guarnecido por balaustrada retilínea, apoiado em mísulas estilizadas, que transmite a idéia de volume, onde há um janelão rasgado com verga de arco pleno com chave, através da parede que recebe tratamento com ranhuras corridas e das pilastras duplas com frisos que delimitam este segmento.

O equilíbrio e a harmonia reflete todo o estudo de

proporções realizado, nos painéis laterais ora com três janelas, ora com duas janelas ou ainda com uma janela de verga reta com falsa bandeira decorada, na sobreverga e balcão entalado marcando o conjunto de janelas, nas pilastras duplas com base, fuste com friso e capitel, dividindo os diversos painéis, na utilização dos vidros coloridos, característico do final do século XIX e início do século XX, na cornija perfilada coberta com telhas francesas que tem a função de proteção da fachada das águas pluviais e na platibanda retilínea e maciça, ritmada com uma seqüência de pilastras e entrevãos sendo que há uma pontuação sobre as janelas rasgadas de arco pleno.

O chanfro destaca-se pela monumentalidade dos elementos que o compõe: o balcão de alvenaria com balaustrada retilínea apoiado em grossa mísulas, com um par de colunas jônicas que sustentam a cobertura do balcão em forma de frontão triangular, coberto com telhas

francesas e com ornatos no tímpano que se repetem nas falsas bandeiras, sobre uma cimalha clássica. A platibanda maciça e curva, no painel, exhibe emolduramento e ornatos florais arrematado por pináculos.

EDIFICAÇÃO: *Marechal Deodoro 275,*
esq Av. Getúlio Vargas
Magalhães e Ltda.

Mônica C. Henriques Leite

Uma das característica marcantes da arquitetura juizforana é o tratamento monumental e imponente conferido aos prédios que são implantados nas esquinas. Eles podem ser considerados como ‘cartão de visitas’ de suas respectivas ruas, despertando a curiosidade das pessoas que passam, em relação ao que virá a seguir.

O edifício em questão apresenta uma das mais belas composições Art Déco da cidade e faz do jogo de volumes e da utilização de ornatos geométricos suas características principais.

Sua planta desenvolve-se em forma de ‘V’, conformando:

- uma fachada voltada para a rua Marechal Deodoro, marcada por certa assimetria e preocupação formal no recorte dos volumes. O vão central é destacado pelo *Bay Windows*⁷⁴ e pela utilização de janelas basculantes, amplamente empregadas na linguagem modernista, que se implantaria posteriormente. Destaca-se aqui, os estreitos caixilhos laterais que se contrapõem à largura acentuada dos janelões metálicos;

⁷⁴ Denomina-se *Bay Window* o avanço de uma parte da fachada do restante do painel, permitindo a obtenção de janelas laterais em ângulo (chanfros), que possibilitam duas novas entradas de ar, transformando uma janela única em três.

- outra voltada para a Avenida Getúlio Vargas, menor e simétrica, apenas com um segmento central e duas faixas laterais que o ladeiam. Apresenta o mesmo tipo de composição e ornamentação da outra fachada (acima referida);
- os balcões em balanço e as esquadrias de ambas recebem um rico e delicado trabalho em ferro fundido, com motivos geométricos e de formas simples, típicos da serralheria da época. A fachada é fortemente marcada por linhas verticais, que dão idéia de ascendência ao edifício, ampliando sua perspectiva e monumentalidade. A platibanda recebe um friso horizontal com ornamentos triangulares, que embora não muito usual neste estilo, aparece com alguma freqüência em Juiz de Fora. O térreo recebe um tratamento tipicamente comercial, com largos vãos e

divisões acentuadas, dando idéia de uma sustentação sólida e segura do edifício.

- o painal chanfrado, cuja utilização do *Bay Windows* estilizado valoriza significativamente a esquina e a entrada principal do comércio. Frisos verticais e horizontais utilizados na platibanda, referem-se à influência da cultura indígena, que é uma das principais características do estilo em sua aplicação no Rio de Janeiro, mas raramente encontrada em Juiz de Fora.
- alguns projetos de arquitetura são elaborados com base em símbolos. Normalmente, tais projetos atendem às lojas comerciais onde a própria volumetria refere-se ao produto ali vendido: é o chamado simbolismo. Encontramos aqui uma variação muito singular desse simbolismo, não com modificações de formas, mas com a utilização das fachadas como pano-de-fundo para

anunciar os produtos de porcelana ali vendidos, através de pequenos e delicados vasos, bules e chaleiras.

Além do fator de composição da ambiência do local onde se insere, bem como dos aspectos históricos que lhe são atribuídos como parte do cenário do espaço central da cidade, este prédio revela-se de grande interesse arquitetônico, por apresentar variados elementos formais típicos do período Art Déco de nossa arquitetura.

F O N T E S

1. ARQUIVOS

1.1 Arquivo da Cidade de Juiz de Fora

Fundo Câmara no Império

Séries

- 40 - Correspondência de deputados provinciais com a Câmara Municipal (1858-86);
- 136 - Livro de registro de cópias de correspondências expedidas pela Câmara Municipal (1869-87)
- 142- Documentos da comissão de legislação: diversos (1857-89)
- 160 - Indicações Diversas (1854-1889);
- 164 - Atas (1857-89).

Fundo República Velha

- Código das Construções: contendo as posturas, leis e decretos municipais da Diretoria de Obras Públicas.

1936, Capítulo 1 - Das Construções, Artigo 59, Decreto 171/76.

- Documentos da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras - Séries 09 a 13/5.

1.2 Arquivo do Museu Mariano Procopio

Livros de Atas de apuração de eleições e de assinatura de eleitores 112/026, 131/036, 133/038.

2. FONTES ORAIS

2.1 Depoimento concedido à Profa. Mestre Leda Maria de Oliveira, em 27/04/1998, à Leda Maria de Oliveira pela senhora Mounira Haddad Rahmn - Proprietária da Casa Chic, loja fundada em 1928. Chegou ao Brasil em 20/02/1954.

2.2 Depoimento concedido, em 03/05/1998, à Profa. Mestre Leda Maria de Oliveira pelo senhor Alberto Surerus Moutinho - funcionário do Banco do Brasil. O senhor Alberto Moutinho recolheu informações com

outros funcionários: Ary Geraldo, Leon Pereira
Nehrey, Édson Mega e Mauro Lucci.

2.3 Depoimento concedido, em 03/05/1998, à Profa.
Mestre Leda Maria de Oliveira pelo senhor Manoel
Borges de Carvalho - fiscal de obra e funcionário do
Banco do Brasil, até 1977.

2.4 Depoimento concedido, em 03/05/1998, à Profa.
Mestre Leda Maria de Oliveira pelo senhor José Márcio
Peralva - funcionário do Banco do Brasil e um dos
fundadores da Associação Atlética do Banco do Brasil.

2.5 Depoimento concedido, em 28/04/1998, à Daniella
Pires de Freitas pelo senhor Moysés A. Arbex,
imigrante sírio, fundador da Casa Vitória.

A obra
*Núcleo Histórico e Arquitetônico das ruas Halfeld e Marechal Deodoro
(Parte Baixa)/ Nota Prévia de Pesquisa*
da autoria de
Patrícia Falco Genovez, Maria Julieta Nunes de Souza, Mônica C. Henriques
Leite, Raquel de Oliveira Fraga e Paulo Gawryszewski,
publicada pela **CLIOEDEL** - Clio Edições Eletrônicas -
foi editada e formatada com a seguinte configuração de página:
tamanho do papel: A4,
orientação: paisagem,
margens superior e inferior:
3,17 cm,
margens esquerda e direita:
2,54 cm
medianiz: 0 cm,
distancias do cabeçalho
e rodapé em relação à
borda do papel: 1,25 cm.
O texto foi digitado em
Word 6.0 para Windows,
com fonte Times New Roman 14,
espaço 1,5 e recuo de parágrafo de 1,27 cm.
As notas de rodapé, com mesma fonte, mas tamanho 12.
E as transcrições de mais de 3 linhas
em itálico e com recuo de 2 cm à
esquerda e 0,5 cm à direita.

Os direitos autorais desta obra são propriedade dos autores. A obra pode ser obtida gratuitamente através da BIBLIOTECA VIRTUAL DE HISTÓRIA DO

Núcleo Hist. e Arq. das ruas Halfeld e M. Deodoro (Parte Baixa)
(Parte Baixa)

Núcleo Hist. e Arq. das ruas Halfeld e M. Deodoro

BRASIL <<http://www.ufjf.br/~clionet/bvhbr>> e reproduzida eletronicamente ou impressa desde que para uso pessoal e sem finalidades comerciais e não sofra alterações em seu conteúdo e estrutura eletrônica.